

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BERNARDETE RYBA

**A ELIPSE DO SUJEITO PRONOMIAL EM REVISTAS DE HISTÓRIAS
EM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA**

CURITIBA
2005

BERNARDETE RYBA

**A ELIPSE DO SUJEITO PRONOMIAL EM REVISTAS DE HISTÓRIAS
EM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística. Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA
2005

**À minha família: Leocádia,
Leandro, Daniel e Eduardo,
sempre presente, mesmo
nos momentos nos quais
eu estava ausente.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

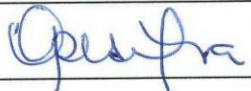
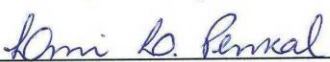

PARECER

Defesa de dissertação da mestranda BERNARDETE RYBA para obtenção do título de **Mestre em Letras**.


As abaixo assinadas ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, LOREMI LOREGIAN PENKAL e IARA BEMQUERER COSTA argüiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“A ELIPSE DO SUJEITO PRONOMINAL EM REVISTAS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA”

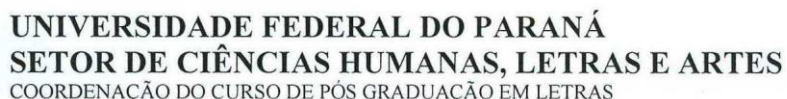
Procedida a argüição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
ODETE PEREIRA DA SILVA MENON		A
LOREMI LOREGIAN PENKAL		A
IARA BEMQUERER COSTA		A

Curitiba, 12 de dezembro de 2005.


Prof. Michael Alan Watkins
Coordenador

Teresa Cristina Wachowicz
Vice-Coordenadora
Matrícula SIAPE 2169997



Quesada

Las Bta

Omni B. Penkal

Bernardete Ryba

Bernardete Ryba

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Odete Pereira da Silva Menon pela atenção, orientação e compreensão.

Às Professoras do Mestrado: Doutoras Adelaide P. Silva, Iara B. Costa e Maria José Foltran, pelos ensinamentos.

Ao Secretário da Pós-Graduação em Letras da UFPR: Odair, pela competência e gentileza.

A todos que apoiaram e incentivaram.

A Deus, acima de tudo, por segurar a minha mão e guiar os meus passos.

RESUMO

O Português é caracterizado, segundo a Gramática Tradicional, como uma língua que prescinde do uso do sujeito pronominal porque as desinências verbais são suficientemente marcadas para indicar o pronome sem que haja a necessidade de explicitá-lo. Entretanto, estudiosos voltados à análise desse tema têm demonstrado uma situação diversa em seus trabalhos, isto é, têm demonstrado que o português contemporâneo do Brasil tem preenchido cada vez mais a casa do sujeito. A presente pesquisa é desenvolvida com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV) e examina o uso dos pronomes-sujeito na linguagem das histórias em quadrinhos das personagens Flash Gordon, Tarzan e Homem-Aranha, para verificar: se está em curso a mudança de não-preenchimento para preenchimento do pronome-sujeito e se há fatores que estejam condicionando o uso ou não do sujeito pronominal. A amostra desta pesquisa - que após codificada é submetida às rodadas do programa VARBRUL - é composta de 25.243 dados, levantados a partir de 288 revistas veiculadas nas décadas de 50, 60, 70, 80 e 90. Os resultados mostram que há uma mudança em curso com relação ao preenchimento do pronome-sujeito, passando da situação de não-preenchimento para a de preenchimento no período de 1950 a 1980.

Palavras-chave: Sociolinguística
Elipse do sujeito pronominal
Análise variacionista em HQ

ABSTRACT

Portuguese has been characterized, according to Traditional Grammar, as a language that dispenses the pronominal subject because its verbal inflections are sufficiently marked to indicate the pronoun without any need of further elucidation. However, experts analyzing this subject have demonstrated otherwise that contemporary Brazilian Portuguese has been progressively filling the subject case. The present research is developed based on the theoretical and methodological presumptions of the Variationist Sociolinguistics (LABOV) and investigate the use of pronominal subject in the comics strip language of characters Flash Gordon, Tarzan and Spider Man in order to verify: if in this language the changing from void subject case to fulfilled subject case is in progress and if there are factors conditioning the use or not of the pronominal subject. The sample of this per research - which, after being codified, is submitted to VARBRUL computer program - comprises 25,243 data collected from 288 magazines circulated in the 50, 60, 70, 80 e 90's decades. The results show that there are a changing in progress with regard to fulfilled subject case passing from void subject case to fulfilled case in the period from 50 to 80's decades.

SUMÁRIO

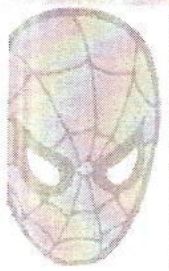
1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 - APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	13
1.2 - OBJETIVOS DA PESQUISA E MODELO DE ANÁLISE.....	16
 2 EMBASAMENTO TEÓRICO.....	 18
2.1 - SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA.....	18
2.2 - PRONOMES PESSOAIS COM FUNÇÃO DE SUJEITO.....	20
2.2.1 - Pronomes.....	21
2.2.2 - Pronomes pessoais.....	23
2.2.3 - Pronomes pessoais-sujeito.....	25
2.3 - ELIPSE DO PRONOME-SUJEITO.....	30
2.4 - ALGUMAS PESQUISAS SOBRE A PRESENÇA/AUSÊNCIA DO PRONOME-SUJEITO	33
2.5 HIPÓTESES.....	45
 3 CORPUS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	 48
3.1 - CORPUS.....	48
3.2 - CODIFICAÇÃO DOS DADOS.....	52
3.3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	56
3.4 - VARBRUL.....	63
 4 ANÁLISE DOS DADOS – RESULTADOS.....	 68
4.1 PRIMEIRA RODADA – Bvar1.....	68
4.2 SEGUNDA RODADA – Bvar2.....	78
4.3 QUINTA RODADA – Bvar5.....	84
4.4 SÉTIMA RODADA – Bvar7.....	92
4.5 OITAVA RODADA – Bvar8.....	94
4.6 NONA RODADA – Bvar9.....	97
4.7 DÉCIMA RODADA – Bvar10.....	100

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXOS.....	121

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 01 Pronomes pessoais	26
QUADRO 02 Evolução nos paradigmas flexionais do Português	35
QUADRO 03 Número de revistas/personagem.....	52
QUADRO 04 Grupos usados nas rodadas VARBRUL.....	65
TABELA 01 Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso.....	42
TABELA 02 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à década de publicação da obra.....	44
TABELA 03 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à concordância verbal.....	45
TABELA 04 Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso – Bvar1.....	69
TABELA 05 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à década de publicação das revistas – Bvar1.....	76
TABELA 06 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/personagem – Bvar1.....	78
TABELA 07 Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso – Bvar2.....	79
TABELA 08 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à recuperação do referente – Bvar2.....	81
TABELA 09 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à década de publicação das revistas – Bvar2.....	82
TABELA 10 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/personagem –Bvar2.....	83
TABELA 11 Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso – Bvar5.....	85
TABELA 12 Preenchimento do pronome-sujeito em relação aos tempos/formas verbais – Bvar5.....	87
TABELA 13 Preenchimento do pronome-sujeito em relação ao locus de ocorrência/tipo de oração – Bvar5.....	90
TABELA 14 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/personagem – Bvar5.....	91
TABELA 15 Preenchimento do pronome-sujeito em relação aos tempos/formas verbais- Bvar7.....	93

TABELA 16 Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso - Bvar8.....	95
TABELA 17 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à década de publicação das revistas – Bvar8.....	96
TABELA 18 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/personagem – Bvar8.....	96
TABELA 19 Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso – Bvar9.....	98
TABELA 20 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à década de publicação das revistas – Bvar9.....	99
TABELA 21 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/personagem – Bvar9.....	100
TABELA 22 Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso – Bvar10.....	101
TABELA 23 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à década de publicação das revistas – Bvar10.....	102
TABELA 24 Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/personagem – Bvar10.....	102
TABELA 25 Pesos relativos/pessoa do discurso.....	104
TABELA 26 Pesos relativos/década de publicação das revistas.....	105
TABELA 27 Pesos relativos/revista-personagem.....	105
TABELA 28 Cruzamento entre pessoa do discurso e década de publicação das revistas – preenchimento do pronome-sujeito.....	106
TABELA 29 Cruzamento entre pessoa do discurso e revista/personagem – preenchimento do pronome-sujeito.....	107
TABELA 30 Cruzamento entre revista/personagem e a década de publicação das revistas – preenchimento do pronome-sujeito.....	108



HOMEM ARANHA

1 - INTRODUÇÃO

CUIDADO!
O ABUTRE ATACA!



1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Ao longo de nossa vida de professores de Língua Portuguesa, nos deparamos com perguntas de nossos alunos, tais como: Por que o Português é tão difícil? Por que aprender Português se já aprendi com meus pais? Onde vou usar todas essas regras?

E nós? Qual é realmente a nossa tarefa? Talvez as maiores dúvidas nossas – professores de Língua Portuguesa no Brasil – surjam quando “descobrimos” que a uniformidade linguística atribuída ao Português não é real, que a diversidade existe, que ela faz parte do sistema linguístico e que o conteúdo da Gramática Tradicional (doravante GT), na grande maioria das vezes, não contempla essa diversidade e nem as mudanças que ocorrem na língua.

A escola, em relação ao ensino de Língua Portuguesa, continua a fazer uso de uma forma quase que exclusiva da GT e a considerá-la como a única fonte legítima para o ensino da língua. Tal fato faz com que, cada vez mais, exista um distanciamento entre a norma que a escola tradicionalmente “cobra” e as normas presentes no dia-a-dia de alunos e professores através dos meios de comunicação, de forma oral ou escrita. A respeito dessa situação, Silva (2002, p.257) nos diz que:

...a escola brasileira só dispõe dessa gramática para guiá-la no ensino dos usos recomendáveis. Ela não tem tido muito acesso ao trabalho que os sociolinguistas vêm desenvolvendo, e que mostram que alguns daqueles usos não-recomendados são perfeitamente aceitos hoje.

Grande parte do conhecimento que a linguística desenvolveu nos últimos anos não consta da GT e podemos ver que as edições atualizadas nos trazem o conteúdo constante da versão anterior com exemplos pertencentes ao cotidiano atual.

Perini (2001, p.15), a respeito dessa situação, diz que:

Existe um lugar para a gramática no ensino de primeiro e segundo graus, lugar atualmente ocupado por uma doutrina gramatical que prescinde de toda a linguística dos últimos setenta anos – e, na verdade, também de boa parte da linguística anterior. Trata-se da gramática tradicional; ou, melhor dizendo, da versão atual, seriamente empobrecida, da velha gramática tradicional.

Essa tendência a reproduzir o que estava anteriormente escrito, a não incorporar conhecimentos e situações que fazem parte da realidade linguística atual (para ilustrar, gostaríamos de lembrar dos pronomes você/vocês e do pronome a gente, que não fazem parte dos quadros demonstrativos dos pronomes pessoais) distanciam a GT, usada nas escolas, da gramática real, praticada pelos falantes de Língua Portuguesa no Brasil.

Para aqueles que defendem que a gramática estabeleceria um padrão para garantir a unidade lingüística nacional e os usos formais da língua, lembramos o que nos diz Britto (2002, p.148):

Trata-se de uma concepção que desconsidera o processo como ocorre a variação (constitutiva do fenômeno lingüístico) e falsa de como se dão os acordos no estabelecimento de língua de grupos sociais. A unidade e a diversidade de uma língua vêm do modo como a sociedade se organiza e reparte seus saberes e valores, particularmente os bens materiais. Nem a unidade política da Espanha ou da França resultou de uma unidade lingüística, nem a unidade lingüística brasileira decorreu da ação normativa. As sociedades ágrafas mantêm seu padrão lingüístico independentemente de qualquer ação preceptiva do tipo suposto pela disciplina gramatical.

Portanto, a existência da diversidade linguística independe de um controle normativo que possa ser fixado através de regras expressas em uma gramática e a diversidade existente em uma língua não faz com que a unidade política de uma nação seja mais forte ou mais fraca. Há ainda a questão da Língua Portuguesa, trazida ao Brasil pelos primeiros portugueses que aqui vieram, ser atualmente diferente da Língua Portuguesa de Portugal. Tarallo (1993, p. 35-68), ao falar do quanto o português brasileiro (PB) afastou-se do português europeu (PE), destaca o fato, estudado e demonstrado por ele, de que, enquanto no PE a presença do pronome é muito baixa na posição de sujeito e muito alta na posição de objeto, a tendência no PB é exatamente o contrário: alta no uso do pronome-sujeito e baixa no de pronome-objeto.

A explicitação do pronome na função de sujeito, segundo a GT, não seria necessária, pois a Língua Portuguesa apresenta um paradigma flexional com desinências verbais que, por si só, bastaria para indicar a pessoa do sujeito. Cegalla (1994), entre outros autores, tem este posicionamento. No entanto, diversos estudos já concluídos nos comprovam que o PB está, cada vez mais, preenchendo a casa do sujeito, dentre eles podemos citar Lira (1988), Duarte (1993 e 1996) e Menon (1994

e 1996). A grande maioria dos trabalhos variacionistas trabalha com corpus constituídos a partir de dados da língua oral; dos autores citados anteriormente Lira (1988) e Duarte (1993) apresentam análises a partir de ocorrências da língua escrita.

Este trabalho, que se propõe a verificar a presença do pronome-sujeito na linguagem utilizada pelos personagens Flash Gordon, Tarzan e Homem-Aranha nas revistas de histórias em quadrinhos (HQ) nas quais são os protagonistas, apresenta-se organizado em quatro capítulos mais as considerações finais.

No primeiro capítulo, a Introdução, é apresentada a pesquisa, os objetivos que nos propusemos a verificar e o modelo de análise que é adotado no tratamento dos dados.

No segundo capítulo, o Embasamento Teórico, é feita uma breve explanação sobre a Sociolinguística Variacionista e são apresentados alguns posicionamentos/discussões no estudo dos pronomes-sujeito como: a conceituação de pronome, a classificação tradicional dos pronomes e a ausência (elipse) do sujeito pronominal. São analisados alguns trabalhos variacionistas que tratam do assunto em questão e que demonstram que, no PB, a casa do sujeito está sendo cada vez mais preenchida.

No terceiro capítulo, Corpus e Procedimentos Metodológicos, esclarecemos como foram selecionados os materiais e como foram coletados os dados para a constituição do corpus. Apresentamos os heróis-personagens, como foi obtido o material e os fatores (linguísticos e extralinguísticos) que acreditamos influenciar no preenchimento do pronome-sujeito. Explicitamos os casos especiais e as ocorrências desconsideradas e tecemos algumas considerações sobre o programa VARBRUL.

No quarto capítulo, Análise dos Dados – Resultados, são apresentados, discutidos e analisados os resultados obtidos e nas Considerações Finais, apresentamos as conclusões a que pudemos chegar, partindo dos resultados obtidos na análise dos dados. Por fim, nos Anexos, podemos ver os grupos de fatores e os símbolos utilizados para a codificação dos dados, bem como uma pequena amostragem dos quadrinhos do Flash Gordon, Tarzan e do Homem-Aranha.

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA E MODELO DE ANÁLISE

A pesquisa, uma análise em tempo real de curta duração, é realizada em um corpus constituído a partir da linguagem utilizada pelos personagens principais das HQ de Flash Gordon, herói do espaço intergalático; Tarzan, herói das selvas e Homem-Aranha, herói urbano. Foram selecionados e codificados 25.243 dados das edições de 1950, 1960, 1970, 1980 e 1990. Os intervalos de dez anos têm a finalidade de proporcionar a análise da variação em tempo real de curta duração e foram pesquisados os seguintes pronomes-sujeitos em uso no PB: eu, tu, você, o senhor/a senhora, ele/ela, nós, a gente, vocês, os senhores/as senhoras, eles/elas.

Temos por objetivos:

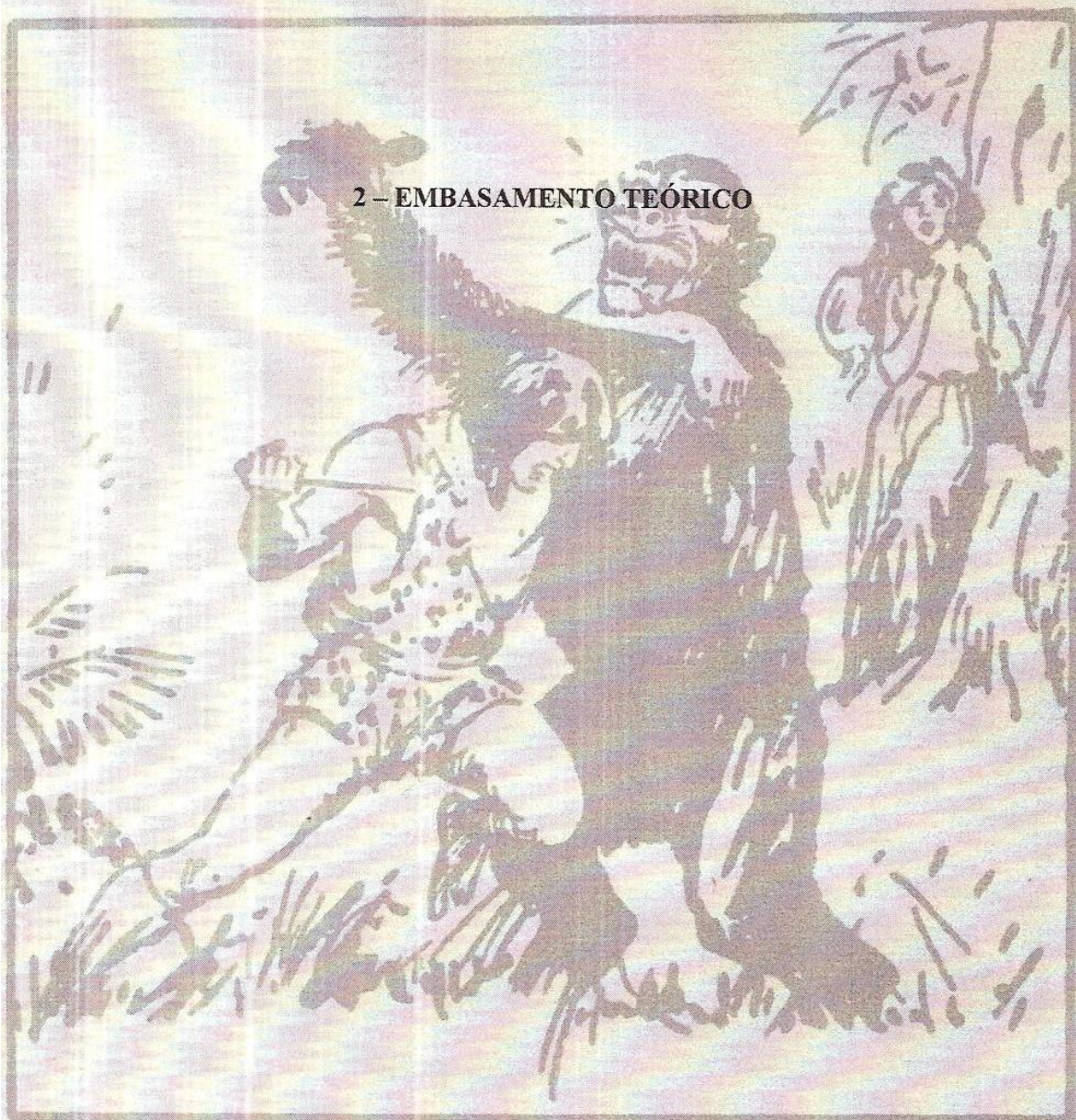
- a) Averiguar se, no corpus analisado, os resultados apontam para uma variação estável ou mudança em curso, em relação ao preenchimento do pronome-sujeito nas décadas mencionadas.
- b) Verificar se há um acréscimo no preenchimento dos pronomes-sujeito na linguagem utilizada no corpus caracterizado acima, década a década.
- c) Testar se há fatores (linguísticos e extralinguísticos) que favoreçam ou que não favoreçam a presença dos sujeitos pronominais tais como: pessoa do discurso, recuperação do referente, tempo/forma verbal, locus de ocorrência/tipo de oração, décadas da publicação das revistas e revista/personagem.

O modelo de análise é o da Sociolinguística Variacionista, que tem em William Labov o seu iniciador. Para o tratamento dos dados é utilizado o programa VARBRUL, que opera com modelos matemáticos capazes de dar tratamento estatístico quantitativo direcionado para a variável linguística.

Tarzan

EM QUADRINHOS

2 – EMBASAMENTO TEÓRICO



2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Apresentamos, a seguir, de forma resumida, o quadro teórico, no qual este trabalho está embasado, modelo da Sociolinguística Variacionista, iniciada por William Labov.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Segundo a Sociolinguística, as línguas apresentam diversidade em todos os níveis de sua estruturação. Essa diversidade consiste em uma heterogeneidade que pode ser sistematizada. A Sociolinguística pressupõe que nas variações apresentadas na língua, em decorrência de seu uso em uma determinada comunidade de fala, ou mesmo no uso de um único falante, é possível verificarmos regularidades.

Labov (1974, p.63) entende uma comunidade de fala como um grupo de pessoas que, apesar de compartilharem um conjunto de normas comuns com respeito à linguagem, não falam do mesmo modo. Ao contrário, nas comunidades de fala, frequentemente, encontram-se formas linguísticas em variação. A mudança linguística não ocorre repentinamente, toda mudança pressupõe um período de variação, quando algumas formas coexistem até que uma delas predomina, pode-se dizer então que houve um processo de mudança; caso contrário, há somente um processo de variação.

Embora ocorra em todas as línguas, nem todos os fatos de uma língua estão sujeitos a variações, existem regras gramaticais que não variam (categóricas), isto é, regras que obrigam o falante a usar certas formas e não outras. As regras categóricas também são chamadas de invariantes e há regras invariantes em uma língua e variantes em outra. Como exemplo, citamos o preenchimento do pronome-sujeito: na língua inglesa esse preenchimento é categórico, isto é, constitui uma regra invariável; no PB, o pronome na posição de sujeito ora aparece, ora não aparece; assim, é uma regra variável.

A existência de uma variação estável ou de uma mudança em progresso relaciona-se diretamente à atuação do fator tempo, que pode ser considerado de duas maneiras na pesquisa sociolinguística: o tempo real e o tempo aparente. No primeiro caso observam-se fenômenos linguísticos de diversas fases cronológicas e,

no segundo caso, são analisados fenômenos linguísticos em um tempo determinado, comparando-se diversas faixas etárias.

A variação estável se dá quando não há modificações no fenômeno estudado, no tempo pesquisado. Na mudança em progresso, o uso da forma inovadora está presente “tomando” o espaço ocupado pela forma anterior. As formas em variação recebem o nome de variantes. De acordo com Tarallo (2002, p.88):

Variantes lingüísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística.

Toda variação pressupõe uma relação de dependência, isto é, o emprego das variantes é influenciado por grupos de fatores linguísticos ou extralinguísticos. Dessa forma, a variável é chamada de dependente, pois depende de outras para sua realização e os fatores que a influenciam são chamadas de variáveis independentes. Diversos são os fatores que podem ser considerados como mecanismos que propiciam a variação. Os fatores podem ser internos e externos aos sistemas linguísticos (variáveis internas e externas). As variáveis internas podem ser de natureza diversa e correspondem aos fatores fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. As variáveis externas correspondem aos fatores individuais (sexo, idade, etnia), aos sócio-geográficos (região, escolarização, nível de renda, profissão, classe social) e aos contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva). Esses fatores podem atuar de forma simultânea e dinâmica dentro da língua.

A Sociolinguística rejeita a noção de falante-ouvinte ideal e de sistema linguístico homogêneo da Teoria Gerativa proposta por Noam Chomsky, propondo o princípio da variabilidade inerente da língua, que se constitui em objeto suscetível às pressões sociais. O modelo é dirigido a um falante-ouvinte real que, em situações de comunicação em determinadas comunidades de fala, apresenta variações de uso da língua relacionadas a fatores linguísticos ou sociais.

Além de estabelecer essa variabilidade inerente, segundo Labov, é possível “prever” as variações em determinados contextos através de “regras variáveis”, um princípio desenvolvido a partir das regras categóricas da Gramática Gerativa.

Através dessa regra, é possível demonstrar que o uso de uma variável depende tanto de fatores lingüísticos, quanto de fatores extralinguísticos e que a

relação entre esses fatores pode apresentar-se de forma regular. Os dados são submetidos à análise e o resultado é dado por meio da frequência de aplicação da regra e as interpretações formais da variabilidade linguística formalizam a natureza sistemática da variação.

Labov, ao introduzir o conceito de regra variável, diz que ela deve apresentar frequência expressiva de uso em uma determinada comunidade. Para investigar a existência da regra variável (em uma determinada comunidade), o pesquisador precisa de dados que lhe permitam fazer uma análise quantitativa e estudar os diferentes fatos que favoreçam a sua ocorrência. O fenômeno que se objetiva estudar é nomeado de variável dependente (em nossa pesquisa é a aplicação da regra de preenchimento do sujeito pronominal) e os fatores que podem favorecer ou não favorecer a aplicação dessa regra são nomeados de variáveis independentes.

Existem duas formas básicas de levantar-se dados para uma posterior análise quantitativa: a consulta direta às fontes escritas (documentos) e o levantamento de dados em uma comunidade (de fala). A pesquisa, a qual nos propusemos a fazer, levanta dados em fontes documentais.

Os dados levantados são submetidos à análise de um programa estatístico criado para esse fim, o VARBRUL. Os resultados obtidos expressam, numericamente, a probabilidade de uma forma linguística ocorrer em contextos linguísticos determinados.

Após essas considerações sobre a Sociolinguística Variacionista, direcionaremos nossa atenção para o fenômeno a ser estudado por nós que é a aplicação da regra de preenchimento do sujeito pronominal. Além de consultar o que dizem os linguistas sobre o assunto, achamos oportuno verificar, e transcrever também, as definições sobre o pronome-sujeito formuladas por gramáticos e as constantes de livros didáticos, pois as definições desses dois últimos materiais fazem parte da vida escolar de grande parte da população.

2.2 PRONOMES PESSOAIS COM FUNÇÃO DE SUJEITO

Iniciaremos com algumas definições sobre pronomes, as quais comentaremos. Passaremos, após, aos pronomes pessoais e, em seguida, aos pronomes pessoais com função de sujeito.

As definições reproduzidas são formuladas por linguistas como Câmara

Júnior, gramáticos como Cegalla e autores de livros didáticos como Faraco e Moura, deixando claro que as visões de linguagem e as contribuições para a reflexão lingüística estão em patamares diferentes.

2.2.1 PRONOMES

A maior parte das definições de pronome diz que ele é a classe de palavras que substitui (função anafórica) ou acompanha o nome (substantivo). Vejamos algumas definições:

Pronome é ua parte da oração que se põe em lugar do próprio nome e por isso dissemos que era conjunta a ele per matrimónio e daqui tomou o nome. Exemplo: Eu escrevo esta Gramática pera ti. (BARROS, 1540, p.19).

O autor define pronome como o substituto do nome. Na definição não há menção para qualquer outra função que o pronome possa exercer. Vejamos outra definição:

Pronome (lat. pro = em vez de) é a palavra que tem por função designar os sêres pelas suas relações com a pessoa gramatical. Êle não só se põe em lugar do nome, porém indica, a posição dêste em relação ao ato da palavra. (PEREIRA, 1946, p.116).

Pereira vai além da função substitutiva do pronome quando atribui a ele a função dêitica e a função sintática. Câmara Júnior (1979, p.89), Sacconi (1986, p.87), entre outros, atribuem aos pronomes as funções anafórica (substituir) e dêitica (apontar/localizar). Lembremos o que nos diz Nicola e Infante (1990):

Pronome é a palavra que substitui ou acompanha o substantivo, indicando sua posição em relação às pessoas do discurso ou mesmo situando-o no espaço e no tempo. (p. 201).

Nicola e Infante, além de atribuir aos pronomes as funções dêitica e sintática, também fazem a diferenciação entre pronome substantivo (substitui o substantivo) e pronome adjetivo (acompanha o substantivo). Com o mesmo ponto de vista temos:

Pronome é a palavra que substitui o substantivo ou acompanha o substantivo. Quando acompanha o substantivo, determina-o no espaço ou no contexto. (FARACO e MOURA, 1999,p .283).

Para os autores Faraco e Moura, a interpretação de um pronome depende de suas relações textuais. Segundo os mesmos autores, os pronomes podem ser divididos em: pronomes substantivos (quando identificam a pessoa gramatical e quando retomam um substantivo ao qual já se fez referência no contexto linguístico ou antecipam termo ao qual se fará referência) e pronomes adjetivos (quando acompanham um substantivo explícito no texto, funcionando como um adjetivo, embora não lhe atribuam qualidade). Isso se aplicaria em exemplos tais como os que elaboramos abaixo (01 e 02):

- (01) Fiquei muito tempo sem saber que eu tinha mãe e que ela estava muito perto de mim, disse Luísa.

Eu remete ao substantivo Luísa, referenciado após e ela faz alusão ao substantivo mãe, anteriormente expresso. (Eu e ela são pronomes substantivos).

- (02) Aquela casa fica longe daqui.

Aquela acompanha o substantivo casa, situando-o em um espaço. (Aquela é um pronome adjetivo).

Antes de passarmos para as definições e comentários sobre os pronomes pessoais, gostaríamos de lembrar que a classe gramatical abarcada sob o título de pronome na GT é objeto de frequentes estudos, reflexões e discussões, tal como faz Perini (2001, p.329-331), ao afirmar que:

O grupo de itens que a gramática tradicional denomina pronomes não mostra traços comuns, nem sintáticos, que nos autorizem a colocá-los em uma classe única. Conseqüentemente, a classe tradicional dos pronomes terá de ser abandonada e substituída por diversas categorias (...) pois se compõe na verdade de vários grupos, de comportamento sintático muito diverso.

Além da reflexão feita por Perini, gostaríamos de lembrar aqui que há outro ponto que mereceria atenção por parte dos gramáticos: ao pronome é atribuída a função de substituir o substantivo (vide definições de pronome em 2.2.1 – Pronomes); há, porém, outras palavras que também apresentam essa mesma função. É o caso dos advérbios e numerais, que nós podemos exemplificar em situações como:

- (03) Meus pais e eu passamos as férias em Minas Gerais. Lá é maravilhoso!
Lá é um advérbio e substitui Minas Gerais.

- (04) Eduardo, Leandro e Daniel são inseparáveis. Os três vão juntos a todos os lugares.

Três é um numeral e evita a repetência dos nomes Eduardo, Leandro e Daniel.

Passaremos agora a algumas considerações e comentários sobre pronomes pessoais.

2.2.2 PRONOMES PESSOAIS

Alguns estudiosos consideram que os pronomes substantivos e pronomes pessoais têm a mesma função. Encontramos em Pereira (1946, p.117-118) este posicionamento, quando ele diz:

Pronome substantivo ou pronome pessoal é o que indica o ser sob simples relação de pessoa, ou substitui o nome sem qualquer outra limitação. (...) Pronome adjetivo é o que se põe em lugar de um substantivo ou seu equivalente, na terceira pessoa gramatical, ajuntando-lhe uma limitação, isto é, o que, além da qualidade de substantivo pronominal, reúne a função adjetiva de um determinativo, ex: Aquilo que o homem semear, isso também colherá.

Nos enunciados de Pereira, pronome adjetivo é aquele que se põe em lugar de um substantivo, mas não possui só a função de substituir, possui também a função de determinar (adjetivo). Além disso, o pronome adjetivo seria representado pela 3.^a pessoa gramatical (ele), que se pode referir tanto a seres humanos quanto a objetos, animais e seres inanimados, enquanto a 1.^a pessoa (eu) e a 2.^a pessoa (tu) referem-se somente à pessoas.

Lyons (1971, p.292) enfatiza a diferença entre a 1.^a e 2.^a pessoas e a 3.^a pessoa quando diz que os pronomes de primeira e segunda pessoas necessariamente se referem a seres humanos e os de terceira pessoa referem-se a seres humanos, objetos e animais. Em ocasiões especiais, segundo Lyons, os pronomes de primeira e segunda pessoas podem ser usados para objetos, animais ou seres inanimados. Podemos citar, como exemplo, o caso das fábulas e das histórias infantis, nas quais animais e objetos assumem o binômio falante-ouvinte, sendo linguisticamente personificados.

Para Câmara Júnior (1995, p.117):

a noção gramatical de pessoa se expressa pela heteronímia (i.e., pela mudança do vocábulo gramatical). Assim, à primeira pessoa, ou seja, o falante, correspondem as formas eu (sing.) e nós (pl.), em função de sujeito; à segunda pessoa, o ouvinte, correspondem tu (sing.) e vós (pl.), também na mesma função. Fora do binômio falante-ouvinte, temos a terceira pessoa, com as formas ele/ela/eles/elas (igualmente em função de sujeito). Note-se que, aqui temos, na verdade, dois blocos em oposição: as formas correspondentes à primeira e à segunda pessoas são expressas por heteronímia, ao passo que as da terceira pessoa apresentam flexão de gênero e número.

Embora os pronomes substantivos estejam substituindo nomes (substantivos), o plural das pessoas gramaticais se faz de uma forma diferente (dos substantivos) para a 1.^a e a 2.^a pessoas. Nós certamente é plural, pois refere-se a mais de uma pessoa, mas não é a união de *eu + eu* e sim de *eu + outra pessoa*. O mesmo pode ser aplicado a vós. Há ainda o uso do plural majestático (ou de majestade ou de modéstia), no qual a forma plural é usada para uma única pessoa. A 3.^a pessoa segue a forma mais comum usada para o plural dos substantivos (acréscimo de s ao singular); além disso, tem flexão de gênero, o que também não ocorre com a 1.^a e 2.^a pessoas.

Outra diferença entre a 1.^a e 2.^a pessoas e a 3.^a pessoa é a participação efetiva no discurso proferido. Lira (1988, p.34), citando Lyons (1977) afirma:

que a situação canônica do enunciado é egocêntrica ... tudo é relacionado através do ponto de vista do falante ou escritor. Assim, a 3.^a pessoa é negativamente definida com respeito à primeira e segunda pessoas; ela não se relaciona com nenhum papel participante no discurso. As primeiras e segundas pessoas têm basicamente uma referência exofórica – remetem à situação.

Embora a 3.^a pessoa não possua papel de falante no discurso, ela, como narrador, pode selecionar trechos do discurso, ou mesmo emitir opiniões nos trechos narrativos que podem influenciar o leitor a construir determinados juízos. Já a 1.^a pessoa pode ser usada por qualquer falante ao fazer referência a si mesmo e pode mudar de posição em situações de fala como, por exemplo, em diálogos.

No tocante à nomenclatura para designar as pessoas (1.^a, 2.^a e 3.^a), alguns estudiosos usam o termo pessoas gramaticais, outros, pessoas do discurso, outros, ainda, as consideram sinônimas. Vejamos algumas definições encontradas em GT e em livros didáticos:

As pessoas são três: eu, a primeira que fala de si mesmo; tu, a segunda, à qual fala a primeira; ele, a terceira, da qual a primeira fala, ... (BARROS, 1540, p.20).

Os pronomes pessoais caracterizam-se por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio:

- a) quem fala = 1.^a pessoa: eu (singular), nós (plural);
 - b) com quem se fala = 2.^a pessoa: tu (singular), vós (plural);
 - c) de quem se fala = 3.^a pessoa: ele, ela (singular), eles, elas (plural).
- (CUNHA e CINTRA, 1985, p.269).

As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três: 1.^a pessoa – a que fala: eu, nós; 2.^a pessoa – a com quem se fala: tu, vós; 3.^a pessoa – a de que se fala: ele, ela, eles, elas. (CEGALLA, 1994, p.171).

São três as pessoas do discurso, identificadas pelos pronomes pessoais: Eu/ nós – 1.^a pessoa: quem fala ou escreve, de quem parte o discurso; Tu/ vós – 2.^a pessoa: pessoa a quem se dirige a primeira pessoa; Ele, ela/ eles, elas – 3.^a pessoa: pessoa ou coisa que não é eu ou tu. É a pessoa de que ou de quem se fala, ou seja, é o assunto. (FARACO e MOURA, 1999, p.284).

Embora Cunha e Cintra (1999, p.284) definam a 3.^a pessoa como ser humano (quem), os outros autores nos passam o conceito de que ela pode ser usada para pessoas ou não-pessoas. Portanto, a palavra *pessoa*, usada na caracterização dos pronomes pessoais não se refere unicamente a “ser humano” quando usada na 3.^a pessoa. É, antes, um conceito gramatical que se refere aos diferentes papéis (falante, ouvinte ou objeto da fala) que pessoas, objetos e animais desempenham numa situação de comunicação verbal.

Como as pessoas gramaticais ou pessoas do discurso (usaremos as expressões como sinônimas) desempenham funções sintáticas (sujeito ou objeto) passaremos agora aos pronomes pessoais que exercem função de sujeito em uma oração.

2.2.3 PRONOMES PESSOAIS-SUJEITO

Os pronomes pessoais são encontrados, via de regra, nas GT e nos livros didáticos, em um quadro disposto de forma igual ou semelhante ao usado por Cegalla (1994, p.171):

QUADRO 01 – Pronomes Pessoais

Pessoa do discurso	Pronomes retos	Pronomes oblíquos
	<i>Função subjetiva</i>	<i>Função objetiva</i>
1ª pessoa do singular	Eu	Me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	Tu	Te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	Ele, ela	Se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	Nós	Nos, conosco
2ª pessoa do plural	Vós	Vos, convosco
3ª pessoa do plural	Eles, elas	Se, si, consigo, lhes, os, as

Os pronomes pessoais retos, que têm a função subjetiva, substituem os nomes (substantivos) que, naquele contexto, estiverem desempenhando a função de sujeito e os pronomes oblíquos, que têm a função objetiva, estão, naquele contexto, desempenhando a função de objeto. Na realidade, em algumas ocasiões, utilizamos os pronomes retos para desempenhar a função de objeto. Neste trabalho, vamos nos ater aos pronomes pessoais na função de sujeito.

Como podemos verificar, o pronome você, a gente e vocês, usados no PB, não constam do quadro tradicional dos pronomes pessoais. Alguns estudiosos, após o quadro acima (Quadro 01) ou junto ao quadro dos pronomes de tratamento (que geralmente encontra-se logo após os pronomes pessoais), fazem referência ao pronome você. Citaremos, entre outros, Faraco e Moura (1999, p. 287), que dizem:

O pronome você perdeu seu caráter de tratamento cerimonioso sendo hoje, no Brasil, utilizado em situações informais, substituindo o pronome de segunda pessoa tu (...) você faz referência à segunda pessoa, mas exige verbo na terceira. Este pronome resulta das transformações fonéticas pelas quais passou o pronome de tratamento Vossa Mercê. (...) mas nisto me ajuda Vossa Mercê a louvar Nosso Senhor. (Pe. Manuel da Nóbrega – texto do século XVII).

- Quê, doutor? – protestou Pereira. Partir já? Isso nunca ... Vosmecê ainda não curou de todo minha filha. (Visconde de Taunay, Inocência – romance do século XIX).

- E você, não fala nada? Eu queria que você falasse alguma coisa ... (Luiz Vilela, escritor contemporâneo).

Apesar de ser considerado pela NGB como pronome de tratamento, você enquadra-se mais apropriadamente na categoria de pronome pessoal, visto que substitui tu em quase todo o território brasileiro.

Discordamos de Faraco e Moura quando eles afirmam que você perdeu seu caráter cerimonioso. Vossa Mercê é que era cerimonioso, pois tratava-se de uma forma usada para dirigir-se ao rei. Os exemplos citados pelos autores são excertos de textos que localizam a obra no tempo, mas não citam quem é o falante e quem é o ouvinte, dificultando assim o reconhecimento das diferenças sociais ou hierárquicas (se elas existem) entre quem fala e quem ouve a mensagem.

Embora alguns estudiosos afirmem que o uso de você é maior do que o de tu no Brasil, a apresentação dos pronomes continua a ser feita de forma tradicional (por esses estudiosos, inclusive). Cunha e Cintra (1985, p.284) afirmam que no PB, o uso de tu restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da Região Norte, ainda não suficientemente delimitados; que em quase todo o território brasileiro, tu foi substituído por você como forma de intimidade e que você também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

Segundo Faraco (1996), a mudança no emprego de Vossa Mercê/você é fruto das profundas modificações econômicas e sociais ocorridas na sociedade portuguesa, principalmente nos séculos XV e XVI. Segundo ele, a burguesia, em crescente enriquecimento, tinha representantes nas Cortes já a partir do século XIII e, no século seguinte, competiria com a nobreza em termos de poder econômico. Como consequência da expansão colonial, houve uma grande ampliação no número de cargos públicos, os quais foram distribuídos entre a nova aristocracia, criando-se uma verdadeira nobreza burocrática. O grande número de pessoas que passou a viver na corte desenvolveu uma série de novos costumes. Nas palavras de Faraco (1996, p.56-57):

o protocolo da corte, por exemplo, tornou-se extremamente elaborado e formal; e a suntuosidade, alimentada pelo vasto fluxo de riquezas do comércio colonial, atingiu seu pico pelos fins do século XV e começos do século XVI.

Novos padrões de vestuário, de alimentação e de tratamento do interlocutor foram introduzidos entre a nova aristocracia. Todas essas inovações não eram certamente apenas consequência da enorme quantidade de riqueza que fluiu para Portugal nesse exato momento histórico, mas principalmente consequência da necessidade da nova aristocracia de definir seu novo papel social numa sociedade que estava substituindo sua estrutura feudal por uma nova estrutura caracterizada pelo declínio do poder da velha aristocracia rural, pela ascensão de uma burguesia urbana e pela centralização do poder.

E a língua – o mais sensível indicador das mudanças sociais, nas palavras de Bakhtin/Voloshinov (1973:19) - não poderia deixar de se adaptar à nova realidade, fornecendo os meios verbais para a expressão dos novos fatos, que reorganizando a vida social, criavam novas situações comunicativas.

Podemos entender então que uma forma de tratamento criada inicialmente para se dirigir ao rei expandiu-se para segmentos de “status” social inferior, então outra forma foi criada para substituí-la. Vossa Mercê, a forma de tratamento, que era empregada para os súditos dirigirem-se ao rei, passou a ser usada entre os membros do poder, numa relação de igualdade. Depois foi utilizada para os superiores dirigirem-se aos inferiores ou entre iguais, e, mais tarde, pelos inferiores entre si. A forma inicial sofreu alterações fonéticas, que influenciaram a escrita, de Vossa Mercê passou a Vossemecê, depois a vosmecê, e você. Atualmente, a forma você tem se desgastado, sofrendo inclusive perda de corpo fônico e reduzindo-se a ocê (principalmente no dialeto mineiro) e cê (no dialeto carioca), segundo Paredes Silva (1998).

Quanto ao uso de tu se restringir ao extremo Sul do País e a alguns pontos da Região Norte, ainda não suficientemente delimitados, discordamos e citamos dois estudos: o primeiro é o de Menon e Loregian-Penkal (2002) sobre a variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. As pesquisadoras utilizam dados do VARSUL das cidades de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (as capitais dos três estados da Região Sul) e de Lages, Blumenau e Chapecó (interior de Santa Catarina), a fim de demonstrar como os pronomes tu e você se apresentam no Sul do País. Retiramos do trabalho o recorte que necessitamos para nos posicionarmos contrariamente ao uso de tu restringir-se ao extremo Sul do País - são pesquisados pelas autoras 144 informantes: 72 das capitais e 72 do interior de Santa Catarina. Os pronomes de 2.^a pessoa do singular usados por esses informantes dessas cidades são distribuídos em três categorias: os informantes só usam tu, só usam você e alternam o uso de tu/você. Os resultados encontrados foram:

Curitiba: só apresenta o uso de você (24 informantes)

Porto Alegre: 14 informantes usam tu; 01 usa você e 09 usam tu/você.

Florianópolis: 13 informantes usam tu, 01 usa você e 10 usam tu/você.

Lages: 01 informante usa tu, 06 usam você e 17 usam tu/você.

Chapecó: 06 informantes usam tu, 02 usam você e 16 usam tu/você.

Blumenau: 02 informantes usam tu, 04 usam você e 17 usam tu/você.

Segundo as pesquisadoras, um informante de Blumenau fez uso do pronome zero, isto é, usou, sem pronome-sujeito, uma forma verbal não-marcada, idêntica à empregada com os pronomes você/o senhor/a senhora e com o pronome tu quando não aparece o morfema de 2.^a pessoa.

Como podemos ver é grande o uso de tu em Florianópolis e a alternância de tu/você se faz presente na capital e nas três cidades do interior de Santa Catarina - que não é extremo Sul do País.

O segundo estudo que citamos é o de Paredes Silva (2003) que pesquisou a variação de tu e você, na função de sujeito pleno, na fala carioca, registrada em conversas naturais (onde havia um clima de camaradagem entre os participantes), gravadas entre setembro de 1995 e março de 1996, em oito gravações de vinte minutos cada e realizadas em um conjunto de doze informantes, com idades entre 10 e 38 anos e com grau de escolaridade de 3.^a série do Ensino Fundamental ao nível universitário. A hipótese da pesquisadora era que o uso do pronome tu se alastra na fala contemporânea do Rio de Janeiro. No corpus pesquisado havia 368 referências pronominais ao sujeito de 2.^a pessoa, das quais 133 referências eram de você (35%) e 235 eram de tu (65%), evidenciando uma mudança em curso no dialeto carioca.

Em nossa pesquisa, faremos os registros das ocorrências com o pronome você por entendermos que ele faz parte dos pronomes pessoais-sujeito no PB e que, atualmente, o uso de você prevalece em nosso território. Também porque, em nosso corpus, constatamos a presença de você e a ausência de tu.

Quanto ao pronome a gente, alguns estudiosos não tecem nenhuma referência; outros, como Faraco e Moura (1999) dizem que:

Na linguagem coloquial, o pronome nós é freqüentemente substituído por a gente (...) Esta expressão também pode ter caráter singular, equivalendo a eu:

Se a gente ganhar a luta, tudo na minha vida será diferente – disse o pugilista.

A expressão pode ainda apresentar valor impessoal, indeterminado:

Eu sabia os riscos que estava correndo. A gente sempre pensa: comigo não vai acontecer. Aí aconteceu, diz. (Folha de São Paulo) (a gente pensa = pensa-se).

A norma culta da língua tende a rejeitar essas construções, comuns na fala coloquial. (p.287).

Embora o pronome a gente não conste oficialmente do nosso quadro de pronomes pessoais, em livros didáticos de Língua Portuguesa, o pronome em questão aparece nos textos que servem de base para as explicações gramaticais.

Atualmente, com relação ao uso, há alternância do pronome nós com o pronome a gente (concorrência).

Estudos como de Albán e Freitas (1991), que analisaram três inquéritos do projeto NURC, do tipo diálogo entre dois informantes (D2), puderam constatar que, nessa situação mais informal, os informantes de faixa etária mais jovem (1.^a faixa etária – 25 a 35 anos) tendem a usar mais a gente, enquanto os mais velhos (3.^a faixa etária – a partir de 56 anos) usam mais o pronome nós. Nesse mesmo estudo, as pesquisadoras verificaram um crescimento no uso de a gente na 3.^a faixa etária. Por entendermos que a gente faz parte dos pronomes pessoais em uso no PB, ele fará parte de nossa pesquisa.

O pronome vós ficou fora de nosso estudo, pois as histórias em quadrinhos que foram analisadas não apresentaram nenhuma ocorrência com esse pronome, como já era esperado por nós. Concordamos com Said Ali (1969, p.94) quando ele diz que o pronome vós conserva-se apenas nas preces, no estilo oratório, na poesia, no estilo oficial.

Há, em nosso corpus, presença do pronome vocês, o qual constará de nosso estudo, pois consideramos que ele faz parte dos sujeitos pronomiais usados no PB.

A não explicitação dos pronomes-sujeito será discutida em Elipse do pronome-sujeito.

2.3 ELIPSE DO PRONOME-SUJEITO

A elipse caracteriza-se por ser a omissão de qualquer termo – sujeito, verbo, etc. – subentendido ou recuperável, segundo Bechara (1985, p.200) e Almeida (1988, p.476), entre outros. Transcrevemos o que nos afirma Said Ali (1966, p.217) a respeito:

Elipse é a omissão de um vocábulo ou termo da oração, estando o mesmo presente ao espírito da pessoa que fala e podendo ser suprido sem esforço pela inteligência do ouvinte.

A elipse tem por fim simplificar a frase, libertando-a de dizeres desnecessários à compreensão.

Passaremos à elipse do pronome que exerce a função de sujeito, que é o assunto abordado nesta pesquisa.

De acordo com Pereira (1946, p.218):

Sujeito é o membro da proposição da qual se declara alguma coisa, por exemplo: EU vivo – TU vives – Êles vivem. (...) O sujeito deve ser representado por um pronome do caso reto: Tu és Marabá. O sujeito se diz expresso quando se acha claro na oração: Eu vivo e vós vivereis; oculto ou subentendido, quando não sendo enunciado, facilmente se subentende: Penso, logo existo, isto é, EU penso, logo EU existo.

Cegalla (1994, p.295) diz que o sujeito é constituído por um substantivo ou pronome, ou por uma palavra ou expressão substantivada. O gramático também nos diz que o sujeito pode ser: oculto (ou elíptico) quando está implícito, isto é, quando não está expresso, mas se deduz do contexto: Exemplo: Viajarei amanhã (sujeito oculto: eu).

Tanto Pereira quanto Cegalla definem e classificam os sujeitos em expressos e ocultos, deixando o critério de uso de um ou de outro a cargo do escritor. Alguns autores, entretanto, afirmam que, na Língua Portuguesa, o uso do sujeito pronominal é desnecessário, em função da flexão verbal. Vejamos o que afirmam Faraco e Moura (1999, p.436-437), quando dizem que o sujeito pode ser representado, entre outros, por:

pronome pessoal reto: Elas se vestem com roupas azuis e pretas (Geográfica Universal). Há casos em que o sujeito determinado não está expresso na oração, mas pode ser facilmente identificado pela terminação do verbo. Esse tipo de sujeito é chamado de sujeito oculto, elíptico ou desinencial.

Abriu a porta; nada viu (Lima Barreto).

O sujeito das duas orações é ele ou ela, conforme se pode deduzir da terminação dos verbos abriu e viu.

(...) A NGB não registra nenhum dos três nomes desse tipo de sujeito; preferindo classificá-lo apenas como sujeito simples.

Em um capítulo à parte, intitulado figuras de estilo, em ELIPSE, os autores nos dizem que:

Trata-se de uma figura de construção. É a omissão de palavras que podem ficar facilmente subentendidas (...) Em português é comum a elipse dos pronomes-sujeito, uma vez que a terminação verbal informa sobre esse sujeito:

Tenho problemas, também...

(Subentende-se facilmente o sujeito do tenho: eu.) (p.578).

Podemos concluir das definições aqui transcritas que sujeito elíptico é aquele que, embora não explícito, é facilmente recuperável, através do contexto no qual ele está inserido ou através das desinências verbais presentes na oração. A recuperação pelo contexto ocorre quando há encadeamento de idéias de tal modo que as informações tornam-se claras, conforme nosso exemplo 05; o outro tipo de recuperação dá-se através das desinências verbais e geralmente é usado para a 1.^a e 2.^a pessoas, conforme nosso exemplo 06:

(05) Ele falou do jogo de futebol, comentou as falhas e lembrou dos acertos.

(06) Falamos do jogo de futebol, comentamos as falhas e lembramos dos acertos.

A GT advoga que o Português é uma língua que não necessita do uso do sujeito pronominal porque as desinências verbais seriam suficientes para indicar a pessoa do sujeito.

Concordando com essa afirmação, temos Câmara Júnior (1979, p.95) quando diz que o pronome pessoal sujeito é, em princípio, esporádico em Português (...) A pessoa do sujeito continua primariamente expressa na desinência verbal.

Faraco e Moura (1999, p.288) também têm o posicionamento de que os pronomes-sujeito devem estar implícitos ao dizer que os pronomes que funcionam como sujeito geralmente são omitidos, pois em Português as desinências verbais já indicam a pessoa e o número do sujeito.

A GT aventa a possibilidade de uso dos pronomes-sujeito em condições especiais, tais como:

a) Destacar a oposição de pessoas gramaticais:

Eu vou, ele fica.

b) Dar ênfase ao sujeito:

Ela fez o bolo, ela o devorou todinho.

c) Dar clareza à frase, evitar ambiguidade:

Ele não fazia nada e eu não fazia questão de começar o trabalho.

Após verificarmos a posição da GT, pesquisamos alguns trabalhos sobre variação que contemplam o tema elipse do pronome-sujeito, procurando verificar se eles corroboram ou contradizem as afirmações (acima) de que o PB é uma língua que prescinde do sujeito pronominal.

2.4 ALGUMAS PESQUISAS SOBRE A PRESENÇA/AUSÊNCIA DO PRONOME-SUJEITO

Embora a maioria dos gramáticos sejam categóricos em afirmar que os pronomes-sujeito devem estar elípticos, diversos estudiosos, entre eles Tarallo (1983), Lira (1988), Duarte (1993 e 1996) e Menon (1994 e 1996) procuraram, através de pesquisas, levantamento de dados, comparações e análises, verificar, demonstrar, debater e esclarecer como se comportam as regras gramaticais, apreoadas pela GT, no tocante ao pronome-sujeito, no uso real e efetivo da língua, visando descrever o PB.

Em um estudo diacrônico realizado por Tarallo (1983) e abrangendo a gramática do PB nos últimos 250 anos, ele nos mostra o uso do sujeito pronominal: em 1725, o uso do sujeito pronominal era 23,3%; em 1775, 26,6%; em 1825, 16,4%; em 1875, 32,7% e em 1982, 65,6% (p.48). De acordo com esse estudo, podemos verificar que a presença do pronome sujeito dobrou de 1825 para 1875, o mesmo ocorrendo de 1875 para 1982.

Lira (1988, p.31-43) compara a língua falada com a língua escrita em relação aos sujeitos pronominais e zeros e também em relação a outros aspectos sintáticos.

Para a modalidade escrita, Lira utilizou cartas familiares dirigidas à pesquisadora por quatro pessoas do sexo feminino, naturais do Rio de Janeiro, pertencentes à classe média alta. Para a modalidade falada, foram utilizadas entrevistas, gravadas pela pesquisadora, feitas com cinco pessoas do sexo feminino, naturais do Rio de Janeiro e pertencentes à classe média alta. A hipótese inicial era de que o preenchimento da casa do sujeito seria menor na modalidade escrita devido ao maior acesso ao referente do sujeito no texto. Os resultados verificados foram os esperados. Dos 1.515 dados da modalidade falada, 58% (884 dados) foram de presença do sujeito pronominal e 42% (631 dados) foram de zeros. Dos 400 dados da linguagem escrita, 22% (86 dados) foram de sujeitos-pronominais e 78% (314 dados) foram de zeros.

Os fatores linguísticos escolhidos pela pesquisadora para a análise dos dados foram: referência específica e generalizada, tipo de oração, informação nova e não-nova, referente da oração examinada: mesmo ou diferente do da oração anterior.

Os principais resultados de Lira (1988) para cada fator escolhido foram:

- a) Referência específica e generalizada – o sujeito pronominal de maior

frequência foi o de 2.^a pessoa nas modalidades falada (76%) e escrita (59%). A 1.^a pessoa apresentou na modalidade falada 65% de presença do sujeito pronominal e, na modalidade escrita, apenas 15%. A 3.^a pessoa, segundo a autora, teve pouca influência nessa variação pronominal.

- b) Tipo de oração – foram selecionadas como possíveis influências na presença ou ausência de pronome-sujeito as orações: independentes, principais, adverbiais, substantivas, relativas, coordenadas 1 (1.^a coordenada) e coordenadas 2 (2.^a ou mais coordenadas). Na língua falada, a oração relativa foi um fator bem significativo para a presença do sujeito pronominal (91%). A coordenada 2 teve um efeito semelhante nas duas modalidades, ela inibiu a presença do sujeito pronominal; na linguagem falada, o sujeito pronominal apareceu em 39% e na linguagem escrita em apenas 14%.
- c) Informação nova e não-nova – dentro das duas modalidades, quando o referente do sujeito era novo, os sujeitos pronominais não eram favorecidos. Para os referentes novos, os resultados foram 43% de sujeito pronominal na língua falada e 14% na língua escrita.
- d) Referente: mesmo ou diferente do da oração anterior – em ambas as modalidades, se o referente era o mesmo inibia a presença do sujeito pronominal (48% de sujeito pronominal na falada, 17% na escrita); se o referente era diferente, causava o aparecimento do sujeito pronominal (71% na falada, 27% na escrita).

Duarte (1993, p.107-125) pesquisou a existência de relação direta entre a riqueza flexional dos paradigmas verbais do PB e a possibilidade de omissão de sujeito, buscando evidências que atestassem ou não a relação entre a crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno e a redução nos paradigmas flexionais. Os dados foram retirados de trechos de sete peças de teatro, de cunho popular, cujos autores desenvolveram suas atividades no Rio de Janeiro. As peças foram escritas nos séculos XIX e XX, mais precisamente nos anos de 1845, 1882, 1918, 1937, 1955, 1975 e 1992. À exceção da última peça, da qual foram retirados 200 dados, das outras peças foram levantados 150 dados em cada uma.

Segundo Duarte (1993), há uma crescente simplificação nos paradigmas flexionais no PB que evoluiu de um sistema com seis formas distintas, mais dois

sincretismos¹ – representados pela 2.^a pessoa indireta, que utiliza as formas verbais de 3.^a pessoa (Paradigma 1) – para um paradigma que apresenta quatro formas, devido à perda da 2.^a pessoa direta (Paradigma 2). Segundo a autora, esse paradigma, restrito hoje à língua escrita e à fala de uma geração situada numa faixa etária mais alta, coexiste com um terceiro, que apresenta apenas três formas, em consequência da perda do pronome de 1.^a pessoa do plural nós, substituído na fala dos jovens e cada vez mais popular entre os falantes de faixas etárias mais altas pela expressão a gente, que se combina com formas verbais de 3.^a pessoa do singular (Paradigma 3). Duarte fez a exemplificação dos paradigmas com o verbo cantar utilizando-se de um quadro, o qual reproduzimos a seguir:

QUADRO 02 – Evolução nos paradigmas flexionais do Português (reproduzido conforme DUARTE, 1993).

Pessoa	Número	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1. ^a .	Singular	Cant-o	Cant-o	Cant-o
2. ^a . Direta	Singular	Canta-s	-----	-----
2. ^a . Indireta	Singular	Canta-0	Canta-0	Canta-0
3. ^a .	Singular	Canta-0	Canta-0	Canta-0
1. ^a .	Plural	Canta-mos	Canta-mos	Canta-0
2. ^a . Direta	Plural	Canta-is	-----	-----
2. ^a . Indireta	Plural	Canta-m	Canta-m	Canta-m
3. ^a .	Plural	Canta-m	Canta-m	Canta-m

Não concordamos com a opinião da pesquisadora sobre a exclusão do pronome tu a partir do Paradigma 2, pois esse pronome tem sua existência comprovada em trabalhos de variação linguística constituídos de corpus orais e escritos, a exemplo da pesquisa efetuada por Menon e Loregian-Penkal (2002).

Com relação à substituição de nós pelo a gente, não há dúvida que o pronome a gente vem ocupando a posição de 1.^a PP, mas atualmente, tanto nós quanto a gente coexistem, como podemos verificar em alguns trabalhos

¹ Utilizamos a terminologia utilizada pela autora (sincretismos, 2.^a pessoa direta para se referir a tu, 2.^a pessoa indireta para se referir a você no singular, 2.^a pessoa direta para vós e 2.^a pessoa indireta para vocês, no plural)

variacionistas, tais como o de Silva (2005).

A seleção de dados feita pela autora só levou em conta sujeitos pronominais (nulos ou plenos) com referência definida e foram excluídas as coordenadas com sujeitos correferentes que, segundo a pesquisadora, parecem constituir um contexto universal para o uso do sujeito nulo.

A variável dependente (ocorrência do pronome pleno ou “pro”²) foi cruzada com os seguintes fatores morfossintáticos:

- a) O traço sintático de número e pessoa em relação ao traço semântico (pessoa do discurso).
- b) O tempo e a forma verbal (simples ou composto).
- c) A presença de elementos antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo.
- d) O tipo sintático da oração.
- e) A existência de correferência entre o sujeito da oração principal e o da subordinada.
- f) A função do referente do sujeito de 3.^a pessoa.

Nos dados dos três primeiros períodos examinados (1845, 1882 e 1918) observou-se a maior ocorrência do sujeito nulo (em torno de 75%); a partir de 1918 a referida ocorrência diminuiu significativamente e inverteu-se em 1992, com a maior ocorrência de sujeitos plenos (em torno de 70%).

Quando examinou as pessoas do discurso separadamente, Duarte (1993) notou que há grande mudança em relação ao sujeito pronominal nas 1.^a e 2.^a pessoas, o mesmo não ocorrendo com a 3.^a pessoa, que parece não ter sido afetada pela redução nos paradigmas, segundo a pesquisadora. Ela afirma que:

Há uma ligeira tendência de queda na 2.^a metade do século, mas o sujeito nulo continua a ser a opção preferida, o que nos coloca diante de uma simetria: de um lado os sujeitos de 1.^a e 2.^a pessoas representados cada vez mais freqüentemente pelo pronome lexical e de outro, o sujeito de 3.^a pessoa, aparentemente usufruindo da opção permitida às línguas pro-drop.

Duarte nos diz que na 2.^a pessoa (seja ela direta ou indireta), o uso do sujeito nulo prevaleceu enquanto se manteve o Paradigma 1; esse uso caiu de 69%, em

² Parâmetro pro-drop é uma expressão usada pela Gramática Gerativa para indicar a ausência do sujeito pronominal em línguas nas quais há riqueza flexional, tornando dispensável a presença do pronome. O termo foi proposto por Chomsky, em 1981.

1918, para 25%, em 1937, quando entrou em vigor o Paradigma 2, com a perda da 2.^a pessoa direta (tu e vós); esse percentual praticamente se manteve o mesmo no Paradigma 3.

Com relação à 1.^a pessoa, a autora nos afirma que a partir de 1918 iniciou-se uma curva descendente e por volta da segunda metade do mesmo século o uso do sujeito pleno de 1.^a pessoa era maior que o uso do sujeito nulo. Duarte (1993) observou a 1.^a pessoa do plural, de baixa ocorrência, em separado, constatando o efeito do Paradigma 3. Segundo ela:

De um índice de 100% de sujeitos nulos nos três primeiros períodos, chegamos a 7% (uma ocorrência em 15) em 1975 e nenhuma ocorrência em 1992: os dez sujeitos de 1.^a pessoa do plural são pronominais; em três deles foi usado o pronome nós (pelas personagens mais velhas) e em sete, a expressão a gente (pelos jovens). (p.115).

Duarte esclareceu quais são os contextos nos quais ainda persistiam os sujeitos nulos nas 1.^a e 2.^a pessoas do singular:

Os 20% de sujeitos nulos na 1.^a pessoa do singular, encontrados no texto de 1992, correspondem, em geral, a orações independentes com verbos simples no presente ou passado, quase sempre precedidos por uma negação, ou com uma locução verbal, ou ainda, mais raramente, em estruturas com correferência, quer na subordinada, quer na principal, embora prevaleça a preferência pelo pronome pleno, particularmente nas relativas, em que não aparecem sujeitos nulos em quaisquer das pessoas gramaticais.

Na 2.^a pessoa, os contextos que ainda resistem ao sujeito pleno são umas poucas interrogativas, sentenças com verbo precisar na negativa, que se assemelham a um comando, e subordinadas condicionais antepostas à matriz (entretanto, raríssimas). (p. 119-120).

Duarte observou, também, como ocorreu a passagem do texto escrito da peça de 1992 (No coração do Brasil, de Miguel Falabella) para a sua representação no teatro, através de uma gravação. A hipótese levantada era de que os sujeitos nulos poderiam diminuir ainda mais na representação e a expectativa foi confirmada. Segundo a pesquisadora, a queda mais expressiva deu-se na 3.^a pessoa (13%). Na 1.^a pessoa, a queda era de 10% e na 2.^a pessoa apenas duas interrogativas passaram a ter o pronome pleno. Não houve nenhum pronome pleno passando a nulo.

Em suas conclusões, Duarte (1993, p.122) nos alerta que é preciso ter em

mente a distância entre a língua oral e a escrita quando se faz investigações na língua coloquial. Segundo ela, por mais que, em certos gêneros literários, o outro procure produzir a linguagem de seu tempo – como deve ocorrer em peças de teatro popular – a expressão escrita “é mais conservadora”.

Como conclusão final, a autora nos diz que:

Os resultados da pesquisa evidenciam o fato de que a redução no quadro de desinências verbais alterou as características de língua ‘pro-drop’ que o português do Brasil apresentava antes de 1937. (1993, p.123).

O português do Brasil, de acordo com a pesquisa acima, evoluiu de uma marcação positiva para uma marcação negativa dentro do parâmetro “pro-drop”, isto é, o sujeito pronominal estaria passando de nulo para pleno.

Duarte (1996, p.505), em outro trabalho, no qual ela utilizou um corpus de 12 informantes do Rio de Janeiro (Amostra Recontato NURC – 1992), com nível universitário e distribuídos em três faixas etárias, apresentou-nos a tendência, cada vez maior, à representação do sujeito pronominal, tornando o sujeito nulo cada vez mais raro. Duarte apontou para a:

certeza de que o sistema pronominal como um todo passa por um estágio de variação muito especial, particularmente na região Sudeste, onde já existe um número bastante expressivo de pesquisas concluídas. (p.504).

A autora concentrou suas observações em mudanças já implementadas no quadro de pronomes sujeito e objeto, ambas com importantes consequências para o afastamento por parte do PB das línguas românicas rotuladas dentro do quadro da Gramática Gerativa como Línguas de Sujeito Nulo.

Menon (1994), com o objetivo de verificar o preenchimento da casa do sujeito pronominal, fez um levantamento de dados exclusivamente dos pronomes de 1.^a pessoa, singular e plural, usando um corpus de sessenta e oito entrevistas do Projeto NURC (Projeto Norma Urbana Culta) de São Paulo. A autora não incluiu a gente em sua pesquisa pelo fato de essa forma não apresentar morfema verbal específico e, portanto, não possibilitar testar se a presença de marca verbal inibiria o preenchimento do pronome-sujeito.

Os fatores extralinguísticos selecionados pela pesquisadora foram:

- a) Estilo de entrevista, dividido em: Elocuções Formais (EF), Diálogo entre

Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre Dois Informantes (D2).

- b) Idade, dividida em: primeira faixa etária (FE) – de 25 a 35 anos; segunda faixa etária – de 36 a 55 anos e terceira faixa etária – acima de 56 anos.
- c) Sexo.

A autora deixou claro que essa era a primeira etapa da sua pesquisa e por isso os resultados foram apresentados em termos de frequência.

No *cópus* foram encontrados 8.165 ocorrências em 1.^a pessoa do singular (eu), dos quais 60,8% estavam expressos e 39,2% eram zeros, e 1.219 ocorrências em 1.^a pessoa do plural (nós), dos quais 60,1% de expressos e 39,9% de zeros. Menon nos diz que:

Tanto no caso de eu como de nós, a proporção de pronomes expressos é de uma vez e meia a do pronome ausente. Há, assim, uma predominância do uso sobre o não-uso dos pronomes junto aos verbos, independentemente de fatores condicionadores. (p. 03).

Quanto aos fatores extralinguísticos selecionados: sexo, estilo e idade, a pesquisadora chegou aos seguintes resultados:

Quanto ao estilo, o mais alto índice de preenchimento pronominal da casa do sujeito deu-se na 1.^a pessoa do singular nas Elocuções Formais (68,01%), o que foi surpreendente, pois é o registro dos estilos usados em aulas e conferências, nos quais se espera que a GT exerça um poder maior. Com relação à 1.^a pessoa do plural, o maior preenchimento ocorreu nos Diálogos entre Dois Informantes (63,44%).

Com relação à idade, a 1.^a pessoa do singular teve maior preenchimento (63,72%) na segunda Faixa Etária, de 36 a 55 anos; seguida da terceira Faixa Etária, acima de 56 anos, com um resultado de 59,89% de preenchimento e da primeira Faixa Etária, de 25 a 35 anos, com 58,63% de preenchimento. Na 1.^a pessoa do plural, o maior uso do pronome-sujeito junto ao verbo estava na primeira Faixa Etária, apresentando 61,1% de preenchimento, seguida da terceira Faixa Etária com 59,19% de preenchimento e da segunda Faixa Etária também com 59,19% de preenchimento. Menon ressaltou que o número de ocorrências de nós era muito inferior ao de eu.

Quanto ao fator sexo: na 1.^a pessoa do singular, as mulheres apresentaram maior índice de preenchimento do pronome – 61,86%; os homens apresentaram

59,72% de preenchimento do pronome eu. Para a 1.^a pessoa do plural, as mulheres preencheram o pronome em 63,98% das ocorrências e os homens em 55,97%.

A autora ressaltou ainda que os resultados obtidos na amostra pesquisada diferem daqueles apresentados por Paredes da Silva (1991), que usou como *cópus* cartas e encontrou 77% de ausência de pronomes de 1.^a pessoa contra 23% de presença. Ao comparar os seus resultados (aproximadamente 60% de sujeitos expressos e 40% de zeros) com os de Paredes da Silva (1991), Menon (1994) diz que:

essa constatação pode demonstrar que o discurso escrito não se constitui uma reprodução do oral, ele teria regras diferentes. O falante, ao escrever, teria mais em vista a correção gramatical da linguagem padrão? Ou isso seria em função do fato de, na escrita, o falante dispor de mais tempo para refletir sobre a sua produção? (p.04)

A pesquisadora reforçou ainda que o uso de pronome-sujeito junto ao verbo já se cristalizou na língua oral, mesmo nas camadas mais escolarizadas da população brasileira. (p.04).

Em outra pesquisa, Menon (1996) utilizou um *cópus* constituído de vinte entrevistas do tipo Elocuções Formais (EF) do Projeto NURC/SP também para verificar a presença do pronome pessoal sujeito. As 1.560 ocorrências, 938 de 1.^a pessoa do singular e 622 de 1.^a pessoa do plural, foram codificadas e submetidas ao pacote VARBRUL. Foram analisadas as seguintes variáveis sociais: sexo e faixa etária e as variáveis linguísticas: posição do pronome, tipo de pronome, marcas auxiliares, tipo de verbo, tempo verbal, tipo de ocorrência, tipo de oração, tipo de conectivo e concordância com o infinitivo.

Dos fatores linguísticos analisados, constatou-se que o tipo de oração foi o mais significativo no preenchimento ou no não preenchimento do pronome sujeito, conforme mostraram alguns resultados nos quais a aplicação da regra é o uso maior do pronome sujeito (p. 90-91).

Restritiva: favoreceu a aplicação da regra de maneira quase categórica para eu .84, um pouco menos para nós .66

Primeira de uma coordenação: alto favorecimento para eu .77, um pouco menos para nós .64.

Principal: favoreceu a aplicação da regra para eu .66, um pouco menos para nós .60.

Subjetiva: favoreceu a aplicação da regra para nós .69 e inibiu para eu .31.

Coordenada Assindética: inibiu a aplicação da regra tanto para eu .28, quanto para nós .27.

Coordenada Sindética: inibiu a aplicação para eu .26, foi neutra para nós .46.

Adverbial: desfavoreceu a aplicação para nós .23, foi neutra para eu .40.

A faixa etária foi o fator social que forneceu os dados mais interessantes. Sobre a faixa etária, a autora afirmou que:

(...) temos dois resultados que merecem a atenção. O primeiro deles diz respeito ao resultado apontado no gráfico 4a, que mostra a linha de evolução no preenchimento dos pronomes, dando indícios de mudança em curso: a terceira faixa etária mostra uma curva ascendente que vai de um peso próximo a zero para preenchimento do eu, em direção sempre crescente para peso altamente favorecedor de não-preenchimento de nós. A segunda e a primeira faixa etária têm comportamento similar no sentido inverso: de menor peso para ausência de nós em direção de maior presença de eu. No entanto, os pesos para a primeira faixa etária são maiores que os da segunda faixa etária. ... O gráfico 4 nos aponta, por sua vez, que a primeira faixa etária não só favorece o preenchimento de eu, como emprega mais esse pronome; a terceira faixa etária usa mais a primeira pessoa do plural e preenche menos o sujeito pronominal correspondente. (MENON, 1996, p.92).

Após a observação e estudo dos trabalhos pesquisados: Tarallo (1983), Lira (1988), Duarte (1993 e 1996) e Menon (1994 e 1996), pudemos verificar que está ocorrendo um processo de mudança no uso dos pronomes pessoais tanto na linguagem falada como na escrita (embora nesta a presença dos pronomes-sujeito seja em menor número), evoluindo de uma situação de não-preenchimento para o preenchimento do sujeito pronominal. Esse tipo de situação é o objeto do presente estudo por nós realizado na linguagem de HQ – e o resultado também aponta para a mesma mudança em curso (não-preenchimento para preenchimento da casa do sujeito pronominal).

Antes de passarmos para o terceiro capítulo, gostaríamos de apresentar os resultados de um trabalho feito por Marques e Ryba (2000), no I Curso de Especialização no Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – CEFET/PR. O objetivo da pesquisa era verificar a presença do pronome-sujeito em obras literárias do escritor contemporâneo gaúcho Caio Fernando Abreu. O corpus foi constituído por três livros de contos, escritos nas décadas de 70 (Inventário do Ir-

Remediável), de 80 (Os Dragões não conhecem o Paraíso) e de 90 (Estranhos Estrangeiros). A presença/ausência do pronome-sujeito foi considerada a variável dependente e foram selecionadas as seguintes variáveis independentes: pessoa do discurso, década da publicação da obra e concordância verbal.

As 5.095 ocorrências de pronomes-sujeito foram codificadas e rodadas no VARBRUL. Os resultados serão apresentados em tabelas (reproduzidas conforme apresentadas no trabalho).

A seguir a primeira tabela que nos mostra os resultados do comportamento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso encontradas nesse corpus.

TABELA 01 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso (reproduzida conforme Marques e Ryba, 2000)

Pessoa do discurso	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/total	Percentual %	Peso relativo
Sr.(a)	7/8	88	.91
A gente	51/63	81	.85
Você	259/433	60	.69
Vocês	2/7	29	.69
Tu	41/80	51	.56
Eu	679/1903	36	.49
Ele(a)	772/2107	37	.49
Eles(as)	98/421	23	.33
Nós	10/73	14	.22
Total	1919/5095	38	

Das 5.095 ocorrências codificadas e submetidas ao VARBRUL, a maior probabilidade de ocorrência da presença do pronome-sujeito ficou com o senhor/a senhora (.91), seguido de a gente (.85); você (.69) e vocês (.69) têm o mesmo peso relativo e tu ficou com .56. Os pronomes-sujeito eu e ele/ela ficaram com pesos relativos iguais (.49) e próximos ao ponto neutro. Eles/elas (.33) e nós (.22) não

favoreceram a presença do pronome-sujeito nesse córpus.

Havia grande expectativa em torno do pronome tu, pois o escritor era gaúcho. Apesar da probabilidade de ocorrência ficar um pouco acima do ponto neutro (.56) ser menor que a ocorrência para você (.69), indicando que esses dois pronomes fazem parte da fala do Rio Grande do Sul, houve tendência para uma maior aplicação da regra de presença do pronome-sujeito com você, nesse córpus.

O alto peso relativo do pronome a gente (.85) e o baixíssimo peso relativo de nós (.22) nos mostrou que, para esse córpus, a probabilidade de ocorrência da 1.^a pessoa do plural canônica constante da tabela de pronomes pessoais apregoada pela GT era pequena, em contrapartida, o pronome a gente possuiu grande probabilidade de uso.

O maior número de registros concentrou-se na 3.^a pessoa do singular ele/ela: 2.107 ocorrências, das quais 772 com a presença do pronome-sujeito (37%), seguido pela 1.^a pessoa do singular eu com 1.903 ocorrências, sendo que 679 com a presença do sujeito pronominal (36%) e da 2.^a pessoa do singular você com 433 ocorrências, 259 com pronome-sujeito presente (60%); o pronome tu apareceu em 80 ocorrências, sendo que 41 delas com o pronome presente (51%). Os maiores percentuais (índice de uso) da presença do pronome-sujeito ficaram com o senhor/a senhora (88% em 8 ocorrências) e a gente (81% em 63 ocorrências).

O autor usou o pronome tu nos diálogos nos quais as personagens possuíam um relacionamento altamente afetivo, você foi usado para situações cordiais e/ou informais (quando havia laços afetivos, eles eram passageiros) e o senhor/a senhora foi usado para os diálogos das relações formais. Havia nos contos analisados, muitas digressões feitas pelas personagens, ocasionando as inúmeras ocorrências de eu e havia muitas lembranças que as personagens vivenciaram, o que ocasionou o grande uso de ele/ela.

A tabela 02, a seguir, mostra-nos que, na década de 70 para a de 80, houve acréscimo no índice de uso do pronome-sujeito e, também aconteceu um aumento da probabilidade de ocorrência da presença do sujeito pronominal.

TABELA 02 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação à década de publicação da obra (reproduzida conforme Marques e Ryba, 2000)

Ano	Preenchimento do pronome- sujeito Aplicação/total	Percentual %	Peso relativo
1980	1246/2851	44	.56
1970	603/1825	33	.46
1990	70/419	17	.26
Total	1919/5095	38	

A década de 80 favoreceu a aplicação da regra de preenchimento do pronome-sujeito (.56); a década de 70 ficou um pouco abaixo do ponto neutro (.46) e a década de 90 não favoreceu a aplicação da regra de preenchimento do pronome-sujeito (.26). A década de 80 possui o maior número de ocorrências: 2.851, das quais 44% (1.246) possuíam o pronome-sujeito presente.

A década de 80 foi o período no qual Caio Fernando Abreu recebeu, no Brasil, alguns prêmios pelos contos e teve algumas obras traduzidas para a língua inglesa e francesa. Na década de 90, o autor ficou enfermo e faleceu; os seus últimos contos ficaram menores, com menos diálogos e mais filosóficos, abordando questões como o porquê da vida e da morte; a sua linguagem tomou-se mais formal.

No corpus havia algumas ocorrências nas quais não se realizava a concordância verbal. A Tabela 03 mostra-nos como se dá o preenchimento da casa do sujeito em relação a essa variável.

TABELA 03 - Preenchimento do pronome-sujeito em relação à concordância verbal reproduzida conforme Marques e Ryba, 2000)

Concordância verbal	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/total	Percentual %	Peso relativo
Sem concordância	39/50	78	.76
Com concordância	1615/4601	35	.50
Total	1654/4651	36	

Consideramos, para esse corpus, as orações tais como: “A gente fazemos o possível”/”Nóis vai embora agora” como sem concordância. As orações sem concordância verbal, usadas pelo escritor em diálogos praticados por pessoas de baixa escolaridade, favoreceram o preenchimento do pronome-sujeito (.76) e as orações nas quais houve a concordância verbal encontravam-se no ponto neutro (.50). Lembramos que o número de ocorrências sem concordância verbal é pequeno: 50 ocorrências num total de 4.651 registros; das 50 ocorrências de orações sem concordância verbal, 39 registros (78%) têm preenchimento do pronome-sujeito.

A conclusão a que Marques e Ryba (2000) chegaram é de que, da década de 70 para a década de 80, houve um acréscimo no preenchimento do pronome-sujeito nos contos escritos por Caio Fernando Abreu. Para a década de 90, o autor fez uso de uma revisão mais tradicional, mais conservadora (em relação à GT) e houve uma redução no preenchimento do pronome-sujeito nos contos dessa época.

Após analisarmos alguns trabalhos acerca do preenchimento do pronome-sujeito no PB, (alguns citados aqui) passamos às hipóteses que formulamos para o nosso trabalho que tem como corpus a linguagem das HQ.

2.5 HIPÓTESES

As análises realizadas em GT de diversos autores e em manuais didáticos nos mostraram que o português é uma língua que não necessita do sujeito

pronominal expresso porque as desinências verbais seriam suficientes para indicar a pessoa do sujeito e o seu uso está condicionado às condições especiais, tais como: destacar a oposição de pessoas gramaticais, dar ênfase ao sujeito e dar clareza à frase, evitando a ambiguidade. Entretanto, pesquisas realizadas, algumas delas constantes deste trabalho, tais como: Tarallo (1983), Lira (1988), Duarte (1993 e 1996) e Menon (1994 e 1996) constataram que está ocorrendo um processo de mudança no uso dos pronomes pessoais, tanto na linguagem falada como na escrita, evoluindo de uma situação de não-preenchimento para a de preenchimento da casa do sujeito pronominal.

Tomando por base as pesquisas que nos indicam que há um aumento no uso do pronome-sujeito, formulamos, de forma resumida, as seguintes hipóteses para o nosso trabalho:

- 1) A mudança de não-preenchimento para preenchimento do pronome-sujeito também está em curso na linguagem utilizada nas histórias em quadrinhos nas revistas dos personagens Flash Gordon, Tarzan e Homem-Aranha.
- 2) Há um acréscimo no preenchimento dos pronomes-sujeito na linguagem utilizada no corpus caracterizado acima, década a década.
- 3) Há fatores (linguísticos e extralinguísticos) como: pessoa do discurso, recuperação do referente, tempo/forma verbal, locus de ocorrência/tipo de oração, décadas da publicação das revistas e revista/personagem que favorecem o preenchimento do pronome-sujeito na linguagem utilizada pelas personagens anteriormente citadas, nas histórias em quadrinhos nas revistas já mencionadas. No Capítulo 3 – Corpus e Procedimentos Metodológicos – apresentamos e justificamos as hipóteses formuladas para cada um dos fatores mencionados.

Passaremos agora à constituição do corpus e aos procedimentos metodológicos que nortearam o nosso trabalho.

GEN-K
COMICS

FLASH GORDON

3- CÓRPUS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Flash finds a grim surprise lurking in
THE DEATH TRAP OF MONGOI

3 CÓRPUS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CÓRPUS

Este trabalho verifica se, em tempo real de curta duração, há um maior preenchimento do pronome-sujeito na linguagem usada em histórias em quadrinhos (HQ) e se os fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados favorecem a presença do pronome-sujeito.

A escolha pela linguagem utilizada nas revistas de HQ de Flash Gordon, Tarzan e Homem-Aranha deve-se ao fato de as revistas terem um público leitor que abarca grande parte da população brasileira, nas diversas faixas etárias (crianças, jovens, adultos e ... idosos) e de várias camadas sociais, e também, por nos possibilitarem uma análise em tempo real, de 1950 a 1990. A seguir apresentaremos as personagens, das quais utilizamos as "falas" para a constituição de nosso corpus.

TARZAN - o herói das selvas

Tarzan teve origem no romance de Edgard Rice Burroughs "Tarzan of the Apes" (1912). A passagem para os quadrinhos foi feita por Harold Foster em 1929, e, a seguir, por Burne Hogarth, a partir de 1937. Foster nunca empregou os "balões" em Tarzan, usando uma narrativa direta incorporada aos quadrinhos.

Foster nasceu no Canadá, mas mudou-se para Chicago para trabalhar como ilustrador publicitário e começou fazendo "tiras" para um jornal. O sucesso com Tarzan foi tão grande que os seus quadrinhos chegaram a ser publicados em 189 jornais americanos e foram traduzidos para o francês, o italiano, o espanhol, o alemão e o português.

A história de Tarzan inicia-se quando os seus pais Lord e Lady Greystoke embarcam com destino a uma colônia britânica da África Ocidental para investigar atrocidades cometidas contra súditos negros. O navio no qual viajam sofre um motim e o casal é deixado em algum lugar da costa ocidental da África. Constroem uma pequena casa na selva, na qual nasce seu filho. Um dia, Lord Greystoke é atacado por um enorme macaco. Sua esposa mata o animal, mas entra em estado de choque. Ao recobrar os sentidos, perde a noção de onde está, conseguindo apenas cuidar do filho por mais um curto período de tempo, antes de morrer. Os macacos

atacam Lord Greystoke e matam-no. Kala, uma macaca que viu seu filho pequeno morrer, adota o bebê como se fosse o seu filhote. Ao tornar-se adolescente, Tarzan volta à cabana e vê fotos e objetos de seus pais. Cresce forte, valente e justo, entre os macacos. Um dia, em um navio, chegam Clayton, seu primo, e Jane que levam Tarzan de volta à Inglaterra. Mas Tarzan não consegue se adaptar à nobreza inglesa, volta à África e à selva, que é o seu verdadeiro lar... e é onde acontecem as histórias. No anexo I podemos ver uma pequena amostragem das HQ de Tarzan.

FLASH GORDON – o herói intergalático

Flash Gordon foi criado por Alexander Gillespie Raymond, desenhista novaiorquino, em fins de 1933. Segundo a história, no início de 1934, Flash Gordon, atleta louro da Universidade de Yale; Dale Arden, sua namorada e o professor Hans Zarkov, um cientista muito sábio, chegam a Mongo, planeta estranho onde coabitam homens-leões; homens voadores que vivem em cidades escondidas em árvores gigantescas; homens lagartos que vivem em grutas e cavernas; habitantes que moram em cidades aquáticas; dragões e centopéias monstruosas que vivem em desertos e florestas. Ming é o cruel e impiedoso imperador de Mongo. É um mundo fantástico, onde misturam-se a conquista do espaço, ficção científica, amor, justiça e ódio, em uma luta entre o bem e o mal. Algumas das máquinas imaginadas por Raymond tornaram-se realidade aproximadamente 30 a 40 anos mais tarde, como é o caso do jato propulsão dos foguetes, a célula fotoelétrica, o raio laser.

Durante um período (por volta de 1938), Raymond não usou “balões”, preferindo colocar a narração em forma de texto. O anexo II nos mostra um pouco das HQ de Flash Gordon.

HOMEM-ARANHA – o herói urbano

Homem-Aranha (Spider Man) é personagem das histórias criadas por Stan Lee e desenhadas por Steve Ditko (americanos), a partir de 1952.

Peter Parker, jovem estudante que perdeu os pais, vive com tia May Parker e trabalha como fotógrafo para J. Jonah Jameson, editor do jornal Clarim Diário. Mantém em segredo que tornou-se o Homem-Aranha quando estava em uma aula de Ciências no colégio e uma aranha atingida por radiatividade o picou na mão. A

partir desse momento, começou a ajudar a polícia a resolver os casos mais complicados, sem revelar-se. Por sempre querer fazer justiça com os fora da lei, coleciona inimigos como o Abutre, o Duende-Verde, o Homem-Areia, o Escaravelho, entre outros. Betty Brant, que trabalha como secretária de Jameson foi seu primeiro amor que chegou ao fim porque o Homem-Aranha não pode/não quer revelar seu segredo. No colégio, Peter Parker é humilhado por Flash Thompson, seu colega de classe que adora o Homem-Aranha e é assediado constantemente por Liz Hilton, namorada de Flash. As histórias acontecem em cenários urbanos. No anexo III, HQ do Homem-Aranha em uma pequena amostra.

No tocante à linguagem utilizada nestas revistas, concordamos com Menon, Lambach e Landarin (2003, p.97) que nos dizem que a linguagem utilizada nas HQ “considerada tradicionalmente como representação do oral (...) pode ser encarada como produção ambivalente já que, necessariamente na condição de texto impresso, passa por um processo de revisão editorial”.

Com relação à ambivalência oral/escrito, citamos Marcuschi (2001, p.23-50) que afirma que os gêneros textuais são compreendidos como cristalizações linguísticas de práticas sociais e podem ser classificados como tipicamente orais, tipicamente escritos e produzidos na interface entre os dois tipos anteriores; os gêneros assim concebidos tanto se realizam na oralidade quanto na escrita, de forma complementar ou simultânea. Advogando a existência de uma variação de gêneros, Marcuschi (2001, p.23-50) reafirma a interpenetração entre oralidade e escrita nas sociedades contemporâneas e defende a hipótese de que a relação oral/escrito num contínuo de gêneros textuais não é fixa e está determinada pelas práticas comunicativas nas quais os gêneros são eventos sócio-historicamente situados.

Também lembramos Rojo (2001, p.51-74), que retomando a hipótese bakhtiniana de uma complexidade crescente dos discursos e dos contextos de comunicação social e, conseqüentemente, das relações entre gêneros primários e secundários e entre a fala e a escrita ao longo da História, enfatiza a diversidade e a heterogeneidade de “escritos” e de “orais” em circulação e das relações complexas que se estabelecem entre eles. Em função dessa complexidade, aponta o “esvaziamento” da questão da relação oral/escrito, quando se considera a multiplicidade dos discursos orais e escritos veiculados pelos diversos gêneros primários e secundários.

Trabalhamos com traduções de HQ criadas nos Estados Unidos, lembrando que a língua inglesa não dispensa o uso do pronome-sujeito. As editoras que produziram as traduções por nós usadas são da cidade do Rio de Janeiro – para a revista Tarzan utilizamos as traduções da Editora Brasil – América/EBAL S.A.; para Flash Gordon, as traduções da Editora Paladino e para o Homem-Aranha, as traduções da Rio Gráfica Editora/RGE. Foram dessas editoras que encontramos o maior número de revistas para cada ano escolhido como representante das décadas de 50 a 90. O aspecto – tradução de uma língua que exige o pronome-sujeito para outra língua, que segundo a GT, dispensa o pronome-sujeito – também despertou a nossa curiosidade: como se processaria essa “passagem” na tradução e na revisão? A respeito da revisão, citamos Camacho (1988):

Não há dúvida que a modalidade escrita como forma de expressão verbal pressupõe sempre um certo grau de reflexão por parte do indivíduo, a quem se permite, pelas próprias características visuais da fixação gráfica, observar mais demoradamente a forma e corrigi-la, fazer substituições de uma por outra e acrescentar informações, realizando mais perfeitamente o ideal de correção adotado pela comunidade. (p.35).

Em nosso estudo pudemos verificar que na linguagem das HQ pesquisadas estão presentes marcas da revisão/correção editorial (ao escrever, o falante dispõe de mais tempo sobre a sua produção do que ao falar), fato já verificado por Duarte (1993, p.122) quando nos diz que a expressão escrita é mais conservadora. Esse fato, neste corpúsculo, pode ser atestado, por exemplo, no uso do futuro do presente do indicativo (2.687 ocorrências) e no aparecimento, embora em pequeno número (48 ocorrências) do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, ambos os tempos verbais em suas formas sintéticas.

Para a formação do corpúsculo foram consultadas 288 revistas que foram obtidas quer através de empréstimo junto à GIBITECA de Curitiba/Fundação Cultural de Curitiba, ao Patrimônio Histórico de Curitiba (as mais antigas), à Biblioteca Pública de Curitiba e em coleções de particulares, quer através de compra de exemplares em lojas de livros e revistas usadas (“sebos”). Não encontramos revistas das personagens Homem-Aranha para a década de 50 (sua “criação” aconteceu em 1952) e de Flash Gordon e de Tarzan para a década de 90. O total de revistas consultadas por personagem e por ano ficou distribuído da seguinte forma:

QUADRO 03 - Número de revistas/personagem

Número de revistas/personagem			
Ano	Flash Gordon	Tarzan	Homem-Aranha
1950	24	24	-
1960	24	24	24
1970	24	24	24
1980	24	24	24
1990	-	-	24
Total	96	96	96

Da personagem Flash Gordon foram levantados e codificados 9.406 dados referentes a pronome-sujeito (presenças e ausências); de Tarzan, 6.882 dados e de Homem-Aranha, 8.955 dados, perfazendo o total de 25.243.

Procuramos equiparar o número de revistas consultadas por ano selecionado, encontrando alguma dificuldade com a localização de algumas delas. Por esse motivo, na falta de quaisquer exemplares de revistas publicadas nos anos de 50, 60, 70, 80 e 90 (anos escolhidos como representantes das décadas), foram codificadas as ocorrências dos exemplares das revistas do ano anterior ou do ano posterior, a fim de que fosse mantido o mesmo número de revistas para cada década, num total de 24 exemplares. Exemplificando: para os dados da personagem Flash Gordon, no ano de 1950, foram encontrados 22 exemplares. Recorremos, então, a 2 exemplares do ano de 1949, tanto mais próximos ao ano de 1950 quando foi possível encontrá-los (no caso: dezembro/49 e novembro/49).

3.2 CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Os dados levantados foram codificados segundo as especificações do programa VARBRUL para que pudessem receber um tratamento estatístico, o que possibilita uma análise mais apurada dos fenômenos linguísticos. Em nosso trabalho, a aplicação da regra de preenchimento do sujeito pronominal constitui a variável dependente e os fatores que podem se apresentar como condicionadores do preenchimento/não-preenchimento constituem as variáveis independentes.

Pessoa do discurso, recuperação do referente, tempo/forma verbal, lócus de ocorrência/tipo de oração, décadas da publicação das revistas e revista/personagem são as variáveis independentes por nós arroladas. Para cada uma delas formulamos uma hipótese.

A variável pessoa do discurso é relevante para este estudo pois permite visualizar como se processa o preenchimento do sujeito pronominal em cada uma das pessoas. A nossa hipótese é que as pessoas do discurso - eu, você, o senhor/a senhora, ele/ela, vocês, os senhores/as senhoras e eles/elas - que, nas orações, se fazem acompanhar de verbos cujas flexões são idênticas para mais de uma pessoa gramatical, em alguns tempos verbais, sejam favorecedoras ao preenchimento do pronome-sujeito, a fim de não gerar dúvidas (se eu estudasse, se você estudasse, se ele estudasse, se o senhor estudasse, se eles estudassem, se os senhores estudassem).

A variável recuperação do referente possibilita-nos verificar se as menções prévias mais próximas do referente são mais favoráveis a sua omissão que as menções mais afastadas. A nossa hipótese é que quanto mais distante a menção prévia, mais favorecida será a presença do pronome-sujeito (lembramos Paredes da Silva, 1991).

A variável tempo/forma verbal é importante para a nossa análise porque permite verificar se as desinências de número e pessoa condicionam o apagamento do pronome-sujeito e saber quais são os tempos verbais que favorecem o aparecimento desse tipo de pronome (lembramos Menon, 1996, que utilizou essa variável em seu estudo). A nossa hipótese é que os tempos verbais favorecedores à presença pronominal são aqueles nos quais temos a mesma flexão verbal para mais de uma pessoa do discurso (eu jogava, você jogava, ele jogava)

O lócus de ocorrência/tipo de oração foi incluído em nossa pesquisa porque em diversos estudos essa variável tem se mostrado relevante para o preenchimento da casa do sujeito. A nossa hipótese é que as orações subordinadas adjetivas (relativas) são as que mais favorecem a presença do sujeito pronominal, a exemplo do que nos mostraram alguns trabalhos realizados com língua falada como os de Lira (1998) e Menon (1996).

A variável décadas de publicação nos permitirá verificar se há um aumento no preenchimento do pronome-sujeito ao longo do tempo e em qual período (década) isso se faz de forma mais considerável. A nossa hipótese é que há um acréscimo no

preenchimento da casa do sujeito pronominal década a década.

Revista/personagem nos informará em qual revista/qual personagem o preenchimento do pronome-sujeito se dá de forma mais relevante. A nossa hipótese é que a presença do sujeito pronominal aconteça de forma mais ou menos igual (pesos relativos próximos) nas três revistas/personagens.

Cada uma das variantes da variável dependente e cada um dos fatores que compõem as variáveis independentes receberam um símbolo para facilitar o processo de codificação (geralmente mnemônico). A codificação com seus respectivos símbolos encontra-se no Anexo IV:

Apresentamos abaixo alguns exemplos de períodos codificados:

(07) 0u/ob7A Estou com sorte!

(08) 1u/o*7A É inacreditável como Abutre pode voar tão facilmente!

(09) 0e3ow7A Eu preciso saber como o consegue.

(Homem-Aranha n.º 11, novembro/69, p.09)

Em (07) temos pronome-sujeito ausente (0); a pessoa do discurso: 1.^a pessoa do singular/eu (u); a recuperação do referente faz-se através da desinência verbal, portanto, é não se aplica (/); o tempo verbal é presente do indicativo (o); o pronome-sujeito ausente está em uma oração absoluta (b); a década de publicação é 70 (7) e o personagem é o Homem-Aranha (A).

Em (08) temos a presença do pronome-sujeito (1); a pessoa do discurso é a 1.^a pessoa do singular/eu (u); o pronome-sujeito está presente, portanto a recuperação do referente é não se aplica (/); o tempo verbal é presente do indicativo (o); o pronome sujeito está em uma oração principal (*); a década de publicação é 70 (7) e o personagem é o Homem-Aranha (A).

Em (09) há o pronome-sujeito ausente (0); pessoa do discurso: 3.^a pessoa do singular/ele (e); a recuperação do referente faz-se através de oração anterior situada no mesmo quadrinho (3); o tempo verbal é o presente do indicativo (o); o pronome-sujeito localiza-se em uma oração adverbial (w); a década é de 70 (7); o personagem é o Homem-Aranha (A).

(10) 0u/o*5F Não, obrigado senhor! Espero que até lá a nave já esteja preparada!

(11) 0n/lb5F Quanto antes sairmos, melhor.

(Flash Gordon s/n.º – edição especial, novembro/51, p.06)

Em (10): ausência de pronome-sujeito (0); 1.^a pessoa do singular/eu (u); a recuperação do referente faz-se através da desinência verbal (/); o tempo verbal é o presente do indicativo (o), o pronome-sujeito ausente está na oração principal (*); década de 50 (5); personagem Flash Gordon (F).

Em (11) ausência de pronome-sujeito (0); 1.^a pessoa do plural/nós (n); a recuperação do referente faz-se através da desinência verbal (/); tempo verbal infinitivo (l); década de 50 (5); personagem Flash Gordon (F).

(12) 1v/lw8T – Se você deixar Pina casar com Kalu, trará paz às duas tribos...

(13) 0v2f*8T e terá em Kalu um digno sucessor.

(14) 0v2f&8T

(Tarzan n.º 10, outubro/80, p.23)

Em (12): presença do pronome-sujeito (1); 2.^a pessoa do singular/você (v); como há a presença do pronome-sujeito, a recuperação do referente é não se aplica (/); tempo verbal: infinitivo (l); oração adverbial (w); década de 80 (8); personagem Tarzan (T).

Em (13): ausência do pronome-sujeito (0); 2.^a pessoa do singular/você (v); a recuperação do referente faz-se através de oração anterior no mesmo quadrinho (2); o tempo é futuro do presente do indicativo (f); localiza-se na oração principal (*); década de 80 (8); personagem Tarzan (T).

Em (14): ausência do pronome-sujeito (0); 2.^a pessoa do singular/você (v); a recuperação faz-se através de oração anterior no mesmo quadrinho (2); o tempo é o futuro do presente do indicativo (f); localização em uma primeira coordenada (&); década de 80 (8); personagem Tarzan (T).

Ao procedermos o levantamento dos dados, nos deparamos com algumas situações especiais relacionadas à presença ou à ausência do pronome-sujeito, para as quais tomamos algum tipo de posicionamento. Estes posicionamentos (procedimentos metodológicos) estão explicados a seguir.

3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Algumas situações especiais/diferentes apareceram quando o levantamento de dados para posterior codificação estava sendo feito, tais como: presença de perífrases verbais, presença de marcadores discursivos, uso de ditos populares, frases sem a presença de verbos. Os procedimentos que adotamos para cada situação estão relacionados a seguir:

As locuções verbais presentes no corpus foram codificadas de acordo com o tempo do verbo auxiliar, pois ele é que possui a desinência que atuará a ação no tempo. Segundo Botassini (1996 e 1998), o fato do verbo ser simples ou estar em locução verbal não muda a questão do preenchimento do pronome-sujeito. A autora fez um levantamento diferenciado para as locuções verbais e constatou que o comportamento destas e das formas verbais simples é o mesmo para a presença do sujeito pronominal.



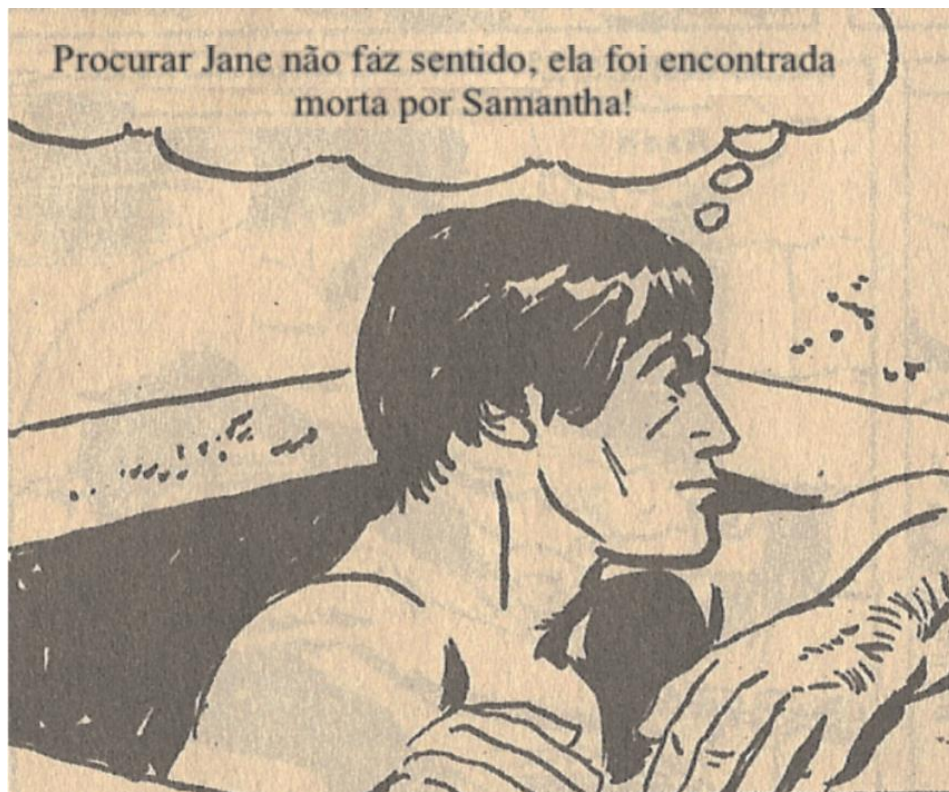
(15) Não posso voar como Abutre, mas meus poderes de aranha não me abandonaram nunca!

(Homem-Aranha n.º 02 – 1980)

Em posso voar, o verbo auxiliar é posso e foi codificado como presente do indicativo.

Nas revistas selecionadas apareceram quadrinhos nos quais desenhos e narrações deixavam em dúvida a quem o pronome-sujeito explícito referia-se. Para essas situações especiais, com relação à codificação da variável independente: recuperação do referente, usamos a codificação já prevista, suprimindo a / = não se aplica (há a presença do pronome-sujeito ou a recuperação pode ser feita através da terminação verbal). Exemplificamos com uma situação para cada codificação usada:

2 = em oração(ções) anterior(es) no mesmo período, no mesmo quadrinho:



(16) Procurar Jane não faz sentido, ela foi encontrada morta por Samantha!

(Tarzan nº 08 -1980)

3 = em oração(ções) anterior(es) em outro período, no mesmo quadrinho:



(17) São Homens-Mico! Eles são a raça mais inteligente de humanóides de Pal-ul-dom!

(Tarzan nº 01 - 1970)

4 = no(s) quadrinho(s) anterior(es) - até dois quadrinhos:



(18) Ele me largou!

No quadrinho anterior: O Abutre vai me largar ...

(Homem-Aranha nº 11 - 1990)

5 = em oração(ções) posterior(es) no mesmo período, mesmo quadrinho:



(19) Eles sumiram, os policiais sumiram ...

(Homem-Aranha n° 11 - 1990)

6 = em oração(ções) posterior(es) em outro período, mesmo quadrinho:



(20) Ela está salva! Gwen está salva!

(Flash Gordon s/n° - 1950)

7 = no(s) quadrinho(s) posterior(es) - até dois quadrinhos:



(21) Ele matou meu pai e o Duende-Verde. No quadrinho posterior: O Homem-Aranha não pode me escapar!

(Homem-Aranha nº 07 - 1980)

8 = através do desenho:



- (22) Sabia que ela iria aparecer.

No quadrinho posterior: Flash Gordon olhando para a esposa do General Ming.

(Flash Gordon s/nº - 1950)

9 = apresentação do quadrinho (presença do narrador):



- (23) Eles parecem não se importar com nada!

Em um quadrinho acima da fala da personagem está a informação do narrador: Tarzan está chegando à fronteira dos Ho-Dons.

(Tarzan nº 12 - 1969)

Alguns dados foram descartados. São eles:

- a) Frases sem a presença de verbo, isto é, situações nas quais os pronomes estão empregados sem nenhum verbo do qual pudessem ser sujeito.
- (24) Que maravilha! Este é um dos poucos momentos que fico feliz por ser o Aranha ... o trânsito entupido lá em baixo, e eu aqui em cima, na maior tranquilidade!

(Homem Aranha n.º 05 – 1970)

- b) Frases consagradas/ditos populares, por entendermos que eles permanecem entre nós de forma cristalizada, sem sofrer modificações e a cristalização estende-se ao não preenchimento do pronome-sujeito. Também por não encontrarmos tais ocorrências com a presença do pronome-sujeito.

- (25) Como dizia o profeta, a gente nunca deve dizer ... “Desta água não beberei!”

(Flash Gordon n.º 07 – 1960)

- c) Marcadores discursivos, pois também não sofrem alterações com o passar do tempo e por não encontrarmos nenhum com a casa do pronome-sujeito preenchida (portanto, sem apresentar variação).
- (26) Você sabe escrever, não sabe?
(Homem Aranha n.º 09 – 1990)
- d) Incitações, que têm a função de incentivar e são dirigidas a uma só pessoa. A personagem não está incluída na ação e não houve preenchimento em nenhum dos poucos casos verificados.
- (27) Vamos! Aproveite agora para pular sobre aquele anúncio e se ...
(Homem Aranha n.º 06 – 1990)
- e) Sujeito indeterminado com o verbo no plural porque não houve variação (não houve presença do pronome-sujeito).
- (28) Depois que ela foi feita, quebraram o molde!
(Homem Aranha n.º 05 – 1970)
- (29) Dizem que o primeiro amor nunca se esquece.
(Flash Gordon n.º 02 – 1960)
- f) Plural em lugar de singular, isto é, situações em que embora o verbo esteja no plural, a personagem está sozinha (monologando) por não aparecer nenhum caso com a presença do pronome-sujeito.
- (30) Vejamos o que há por aqui.
(Tarzan n.º 02 – 1970)
- (31) Vejamos como está minha mira!
(Tarzan n.º 02 – 1970)
- g) Orações principais que introduzem orações subordinadas substantivas subjetivas reduzidas ou desenvolvidas, pois devido a sua condição (o sujeito é outra oração) não apresentaram variação.
- (32) É difícil de imaginar como poderia agir com as jóias tão bem protegidas.
(Homem Aranha n.º 03 – 1980)

A próxima etapa, após a codificação foi submeter os dados aos programas do pacote VARBRUL para tratamento estatístico. A seguir tecemos algumas considerações sobre esse programa computacional.

3.4 VARBRUL

O pacote VARBRUL é composto por um conjunto de dez programas: CHEKCTOK, READTOK, MAKECELL, IVARB, TVARB, MVARB, CROSSTAB, TSORT, TEXTSORT e COUNTUP.

Os dez programas dão tratamento estatístico adequado aos dados linguísticos variáveis e, após as rodadas, os resultados finais fornecem valores percentuais que permitem averiguar as frequências obtidas e os pesos relativos que apontam se os grupos de fatores selecionados pelo pesquisador são estatisticamente relevantes. A leitura e a interpretação dos resultados fornecidos pelo pacote VARBRUL são de responsabilidade do pesquisador.

Lembramos que o percentual de ocorrência (índice de uso) e os pesos relativos (probabilidade de uso) são apresentados em função da variável dependente. Tomemos como exemplo esta pesquisa: ela verifica a presença e a ausência do pronome-sujeito (variantes da variável dependente), portanto, os percentuais resultados serão em função de duas variantes; o peso relativo fará uma análise binária (em função das duas variantes da variável dependente), portanto, se ocorrer .50, que é o ponto neutro, há a mesma probabilidade de ocorrência para a presença e para a ausência do pronome sujeito para aquela situação. Pesos relativos com valores acima ou abaixo do ponto neutro (no caso .50) favorecem ou inibem, respectivamente, a aplicação da regra (que nesta pesquisa é a presença do pronome-sujeito). Além dessa leitura dos pesos relativos, é conveniente analisar também a relação entre os números, ou seja, comparar os números entre si e não apenas observar o resultado isoladamente.

O IVARB, um dos programas do pacote VARBRUL, efetua comparações entre os pesos relativos atribuídos aos diversos fatores das variáveis independentes e faz seleções das variáveis, pela ordem de importância, em relação à variável dependente.

Não foi possível rodarmos as duas variantes com todos os fatores linguísticos simultaneamente, pois o número (de fatores) ultrapassou o limite de 1.000 células

aceito pelos programas. Assim, houve a necessidade de fazermos rodadas separadas, as quais permitiram contemplar se há alterações significativas nos pesos relativos, pelo acréscimo ou exclusão de um ou de outro fator.

No grupo 2 – variável independente pessoa do discurso, retiramos a variante *g* = a gente da análise, porque ao ser submetida às rodadas do programa VARBRUL, ela apresentou “knockout” junto ao programa MAKECELL (programa preparatório para as rodadas do VARBRUL). O programa registra “knockout” quando não há variação. Em nosso trabalho, as ocorrências com a variante a gente estavam todas com os pronomes explícitos. No mesmo grupo, eliminamos, também, o pronome tu pois não registramos qualquer ocorrência com esse pronome no corpus analisado.

Na primeira rodada, a qual chamamos de Bvar1, excluímos os grupos: 3 (recuperação do referente), 4 (tempo/forma verbal) e 5 (lôcus de ocorrência/tipo de oração). Nessa rodada foram selecionadas (pelo IVARB) para o preenchimento do pronome-sujeito, pela ordem de importância estatística, as variáveis: pessoa do discurso, décadas de publicação das revistas e revista/personagem. Todas as variáveis constantes da rodada foram consideradas estatisticamente relevantes.

Da segunda rodada, chamada de Bvar2, excluímos os grupos: 4 (tempo/forma verbal) e 5 (lôcus de ocorrência/tipo de oração). Foram selecionadas para o preenchimento do pronome-sujeito, pela ordem de importância estatística, as variáveis: pessoa do discurso, recuperação do referente, décadas da publicação das revistas e revista/personagem. Todas as variáveis foram consideradas estatisticamente relevantes para essa rodada.

Na terceira rodada, chamada de Bvar3, excluímos o grupo 5 (lôcus de ocorrência/tipo de oração). Com essa rodada só foi possível chegar até o MAKECELL, obtivemos assim, somente a parte inicial dos resultados - os percentuais de presença e de ausência do pronome-sujeito para cada grupo. Os pesos relativos não foram obtidos, tendo em vista o número de fatores ultrapassar o limite de 1.000 células (informação dada pelo programa VARBRUL).

Na quarta rodada, Bvar4, excluímos o grupo 3 (recuperação do referente) e também não foi possível obtermos os pesos relativos, tendo em vista ultrapassar o limite de células permitido.

A quinta rodada, Bvar5, sem os grupos: 3 (recuperação do referente) e 6 (décadas da publicação das revistas), selecionou, pela ordem de importância

estatística: pessoa do discurso, tempo/forma verbal, lócus de ocorrência/tipo de oração e revista/personagem e todas as variáveis foram consideradas estatisticamente relevantes.

A sexta rodada, Bvar6, também ultrapassou 1.000 células. Dela foram excluídos o grupo 3 (recuperação do referente) e 7 (revista/personagem).

Na sétima rodada, Bvar7, da qual foram excluídos o grupo 3 (recuperação do referente), 6 (décadas da publicação das revistas) e 7 (revista/personagem), todas as variáveis foram consideradas estatisticamente relevantes e a seleção pela ordem estatística ficou: pessoa do discurso, tempo/forma verbal e lócus de ocorrência/tipo de oração.

A oitava rodada, Bvar8, é idêntica à Bvar1, mas no grupo 6 (década da publicação das revistas) retiramos a década de 50.

Na nona rodada, Bvar9, usamos os mesmos grupos de Bvar1, retirando do grupo 6 a década de 90 e em Bvar10, a décima rodada, foram retiradas as décadas de 50 e 90 do grupo 6.

Para uma melhor visualização dos grupos que fizeram parte de cada rodada, produzimos o quadro a seguir:

QUADRO 04 – Grupos usados nas rodadas VARBRUL

Rodadas	Grupos usados						
	1	2	3	4	5	6	7
B var 1							
B var 2							
*B var 3							
*B var 4							
B var 5							
*B var 6							
B var 7							
B var 8							
B var 9							
B var 10							

Grupo 1 – presença/ausência do pronome sujeito (variável dependente)

Grupo 2 – pessoa do discurso

Grupo 3 – recuperação do referente

Grupo 4 – tempo/forma verbal

Grupo 5 – lócus de ocorrência/tipo de oração

Grupo 6 – décadas da publicação das revistas

Grupo 7 – revista/personagem

* - rodadas nas quais não foi possível obter os pesos relativos.

A seguir, passaremos à análise dos resultados obtidos através das rodadas.



4 ANÁLISE DOS DADOS - RESULTADOS

Os dados levantados acerca da presença e da ausência dos pronomes-sujeito somaram um total de 25.243 ocorrências, das quais 5.929 (24%) são de preenchimento da casa do pronome-sujeito e 18.759 (76%) são de ausência, totalizando 24.688 dados que foram rodados no programa VARBRUL. Os demais dados, 555, foram excluídos da análise, conforme citado na metodologia.

Os resultados obtidos foram muito próximos dos encontrados por Lira (1988), que, ao comparar a modalidade falada (entrevista) com a modalidade escrita (cartas familiares), encontrou para esta 22% de sujeitos pronominais presentes e por Paredes da Silva (1991) que obteve 23% de presença de pronomes-sujeito em um corpus constituído por cartas.

Conforme já mencionamos, não foi possível rodarmos a variável dependente (presença/ausência do pronome-sujeito) com todas as variáveis independentes juntas. Assim, houve a necessidade de fazermos rodadas separadas, as quais nos permitiram contemplar se há alterações significativas nos pesos relativos pelo acréscimo ou exclusão de uma ou de outra variável. Dessa forma, a análise de dados com os seus consequentes resultados foi feita por segmentos, conforme as rodadas realizadas, as quais nos forneceram resultados percentuais e pesos relativos. As nossas rodadas foram nomeadas: Bvar1 (primeira rodada), Bvar2 (segunda rodada) ... Bvar10 (décima rodada), conforme já citado em 3.4 - VARBRUL. Lembramos que, devido ao número excessivo de células (mais de 1.000) não obtivemos os resultados referentes aos pesos relativos em três rodadas: Bvar3 (terceira rodada), Bvar4 (quarta rodada) e Bvar6 (sexta rodada).

4.1 PRIMEIRA RODADA – Bvar1

Foram usados para esta rodada os grupos: 1 (presença/ausência do pronome sujeito – variável dependente) e as variáveis independentes: 2 (pessoa do discurso), 6 (décadas da publicação das revistas) e 7 (revista/personagem), apresentadas aqui pela ordem de seleção feita pelo VARBRUL. Não fazem parte dessa rodada os grupos: 3 (recuperação do referente), 4 (tempo/forma verbal) e 5 (lôcus de ocorrência/tipo de oração).

Mostramos os resultados em tabelas, por variável e suas variantes com os seus respectivos números de dados: o do preenchimento do pronome-sujeito e o total de dados para essa variante, o percentual (índice de uso) e o peso relativo (probabilidade de uso) com relação à aplicação da regra: o preenchimento do sujeito pronominal. Iniciamos com a análise da Tabela 04.

TABELA 04 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso – Bvar 1

Pessoa do discurso	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo
Ele/ ela	2.201/ 4.188	53	.81
Você	1.130/ 2.503	45	.76
Vocês	95/ 246	39	.70
O senhor/ a senhora	163/ 477	34	.67
Os senhores/ as senhoras	21/ 83	25	.57
Eles/ elas	193/ 856	23	.52
Eu	2.064/ 15.627	13	.36
Nós	62/ 708	9	.26
Total	5.929/ 24.688	24	

Notamos que os maiores pesos relativos encontram-se com as pessoas gramaticais que não possuem marca morfológica no tempo verbal que as acompanham, tornando a presença pronominal necessária, para evitar qualquer dúvida sobre quem/o quê é o sujeito.



(33) Ele é parecido com a sua³ mãe!

(Flash Gordon nº 07, 1950)



(34) Se ela não chegar logo, não sei o que farei.

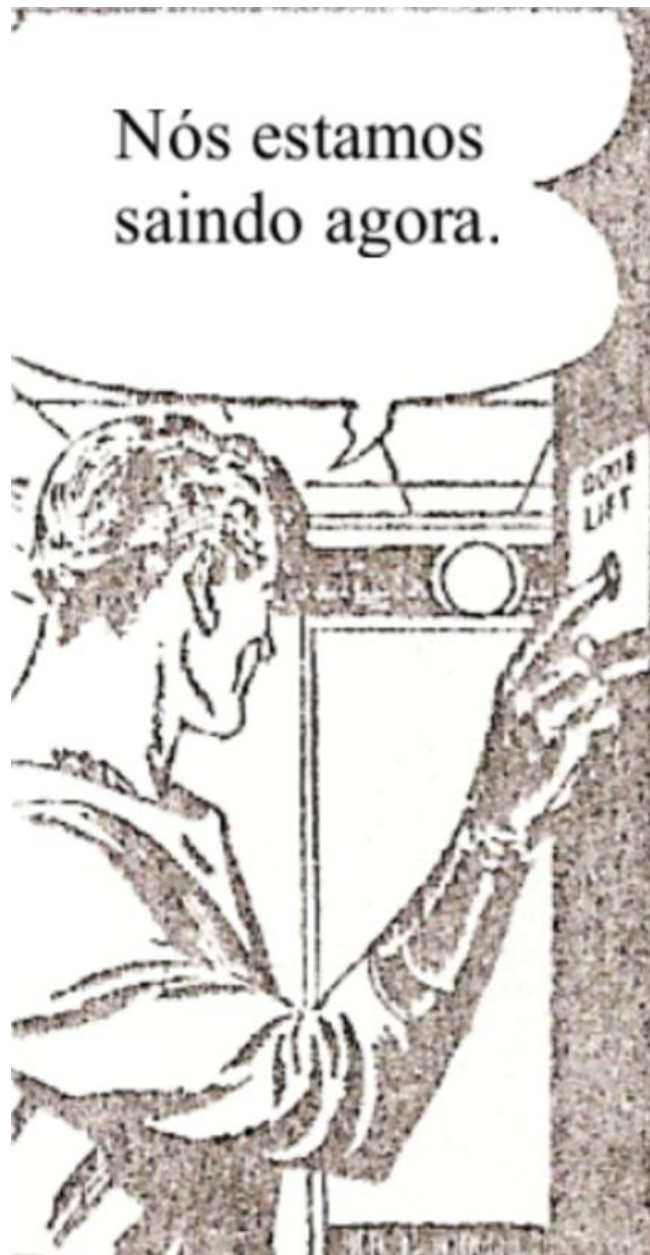
(Tarzan nº 02, 1960)

Se não houvesse a presença dos pronomes, a sentença daria margem a

³ Sua refere-se à mãe do príncipe e esposa de Barin, amigo de Flash Gordon.

dúvidas – ele/ela, você/vocês, o senhor/a senhora, os senhores/as senhoras.

A 1.^a pessoa do plural apresentou maior resistência ao preenchimento do pronome-sujeito que a 1.^a pessoa do singular. No plural a desinência em todos os tempos verbais é bem marcada (mos); o resultado (.26) não pode ser considerado desprezível em uma língua que, segundo a GT, prescinde do pronome-sujeito ou usa a presença do sujeito pronominal em situações especiais. Tomemos o exemplo:



(35) Nós estamos saindo agora.

(Flash Gordon nº 12, 1960)

Segundo a GT, nesse caso, não haveria necessidade da presença do nós, pois o seu uso não desfaz ambiguidade e tampouco serve para enfatizar: nós poderia estar elíptico e não está!

A 1.^a pessoa do singular, que pode ser confundida com a 3.^a pessoa do singular em alguns tempos verbais, possui um peso relativo maior que a 1.^a pessoa do plural (o que já era esperado), em função desta possuir uma desinência bem marcada. Para exemplificar:



(36) Que eu sofra tanto assim... não entendo!

(Homem-Aranha nº 03, 1980)

O maior número de dados concentra-se no pronome de 1.^a pessoa do singular (eu) com 2.064 presenças de pronome-sujeito em um total de 15.627 dados. A ocorrência de eu ultrapassa 33 vezes a ocorrência de nós, demonstrando que os heróis de nossas HQ tendem a falar mais de si mesmos do que de outras pessoas e de outras coisas; nos contos de Caio Fernando Abreu também havíamos constatado que a ocorrência do pronome eu ultrapassou a ocorrência de nós.

Esse resultado é similar aos de outros trabalhos sociolinguísticos como os de Paredes da Silva (1991), Menon (1994 e 1996) e Botassini (1998). Menon, em um estudo realizado em 1994 (no qual não incluiu a gente pelo fato de essa forma não apresentar morfema verbal específico e, portanto, não possibilitar testar se a presença de marca verbal inibiria o preenchimento do pronome-sujeito) ao fazer o levantamento dos pronomes-sujeito de 1.^a pessoa, constatou que o número de ocorrências de eu (8.165) era seis vezes maior que de nós (1.219). Na pesquisa realizada em 1996, o número de ocorrência de eu (938) também era maior que o de nós (622).

O fato do maior número de dados se concentrar nas pessoas do singular: eu (2.064), ele/ela (2.201) e você (1.130) é favorecido porque a maior parte dos quadrinhos retrata a fala de apenas duas personagens, como em nosso exemplo:

(37) Será que você não consegue mesmo obedecer, Boy?

(Homem-Aranha nº 10, 1970)

Ocorrem também, com frequência, quadrinhos que retratam o monólogo da personagem, tal como em:



(38) Ele ainda me segue! Eu não estou gostando nada disso!

(Homem-Aranha nº 05, 1990)

Também, gostaríamos de exemplificar o uso dos pronomes você e vocês em nosso corpus. Os pronomes em questão são usados pelas personagens (Flash Gordon, Tarzan e Homem-Aranha) para dirigirem-se às pessoas com a mesma faixa etária dos heróis mencionados:



(39) Sim... mas devemos agradecer por você também estar salva. (Flash Gordon para Dale, sua namorada).

(Flash Gordon nº 01, 1971)

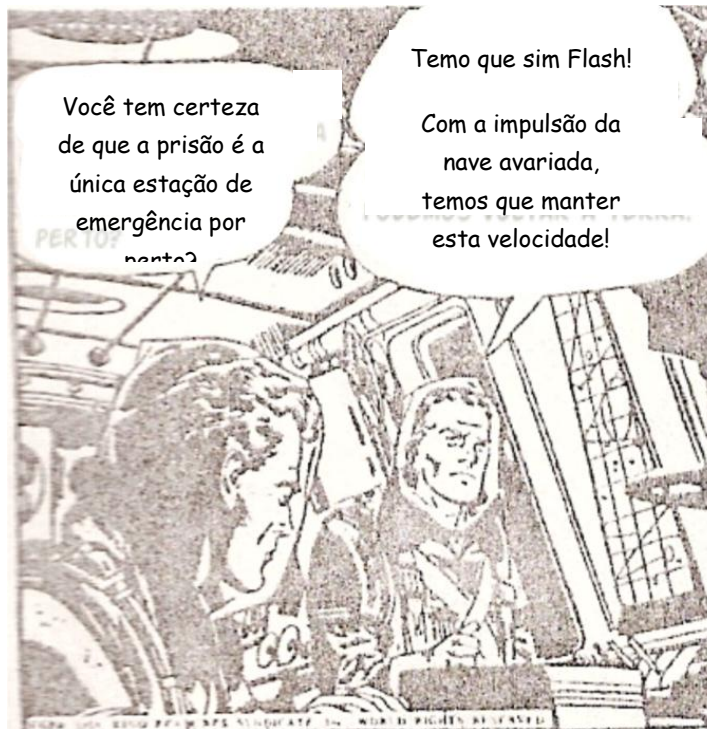
Para dirigirem-se às pessoas que também, como os heróis analisados, possuem poderes extraordinários (heróis ou vilões):



(40) Você é um vilão formidável, mas não tem nenhum senso de humor! (Homem-Aranha para o Duende-Verde, uma espécie de vilão com poderes extraordinários)

(Homem-Aranha nº 03, 1970)

Ou aos que ocupam posições hierarquicamente inferiores:



- (41) Você tem certeza de que a prisão é a única estação de emergência por perto? (Flash Gordon para Tulliver, o responsável pelas comunicações/rádio, na nave espacial comandada por Flash).

(Flash Gordon, edição especial, 1951)

Nas HQ pesquisadas, o uso de o senhor/a senhora e de os senhores/as senhoras fica reservado para as pessoas com idade mais avançada:



(42) Por favor, não se preocupe comigo! O importante é que a senhora fique boa.
(Homem-Aranha para a Sra. May, sua tia)

(Homem-Aranha nº 06, 1970)

Ou os que estejam ocupando cargos de hierarquia superior:



(43) E lembre-se de que quero meu nome impresso. O senhor poderia dar a autoria dessas fotos a qualquer um de seus horríveis fotógrafos. (Homem-Aranha para o diretor do jornal, Sr. Jameson)

(Homem-Aranha nº 08, 1980)

Passemos, agora, à análise da próxima tabela.

TABELA 05 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação à década de publicação das revistas – Bvar 1

Década de publicação	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo
50	839/ 3.683	23	.47
60	1.338/ 5.720	23	.50
70	1.486/ 6.290	24	.50
80	1.678/ 6.236	27	.54
90	588/ 2.759	21	.45
Total	5.929/ 24.688	24	

A probabilidade de preenchimento da casa do pronome-sujeito permanece estável da década de 60 para 70, mas, verificamos que há um acréscimo do sujeito pronominal da década de 50 para a de 60 e da década de 70 para a de 80.

Em um estudo sobre HQ, utilizando um corpus formado pelas revistas Pato Donald publicadas no período de 1950/52 a 2003/04, Silva (2005) pesquisa o comportamento dos pronomes-sujeito: eu, tu, você, nós, a gente e vocês e comprova que há um aumento do preenchimento do sujeito pronominal, passando de (.45) em 1950/52 para (.58) em 2003/04.

Não encontramos revistas das personagens Flash Gordon e Tarzan para a década de 90 e do Homem Aranha para a década de 50, pois sua existência é de 1952. De acordo com a Tabela 05, notamos que o número de dados dessas duas décadas (50 e 90) são menores. Como Flash Gordon é a personagem que nos fornece o maior peso relativo ao preenchimento de pronome-sujeito (conforme Tabela 06, a seguir), acreditamos que a falta de dados dessa personagem para a década de 90 esteja interferindo no resultado do peso relativo (.45).

Para comprovarmos se essa possibilidade é verdadeira, fizemos rodadas com os mesmos grupos do Bvar1: Grupo 1 (presença/ausência do pronome-sujeito), 2 (pessoa do discurso), 6 (década da publicação das revistas) e 7 (revista/personagem), primeiramente retirando a década de 50 (rodada que chamamos de Bvar8), cujos resultados percentuais e pesos relativos são mostrados nas Tabelas 16, 17 e 18. Depois, com os mesmos grupos, retiramos a década de 90, numa rodada chamada Bvar9 - mostramos os resultados nas Tabelas 19, 20 e 21. E, finalmente, com os mesmos grupos (1, 2, 6 e 7), retiramos as décadas de 50 e 90,

na rodada Bvar10, que nos fornece os resultados constantes das Tabelas 22, 23 e 24.

Como estamos mostrando os resultados das rodadas na sequência em que elas foram feitas, abaixo encontra-se a Tabela 06 da primeira rodada, da qual constam os dados de todas as décadas pesquisadas (50 a 90).

TABELA 06 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/personagem
– Bvar 1

Revista/ personagem	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo Bvar1
Flash Gordon	2.299/ 9.217	25	.52
Homem-Aranha	2.026/ 8.729	23	.49
Tarzan	1.604/ 6.742	24	.49
Total	5.929/ 24.688	24	

A Tabela 06 nos mostra que a personagem Flash Gordon apresenta o peso relativo (.52) um pouco acima do ponto neutro e as personagens Homem-Aranha e Tarzan têm pesos relativos praticamente no ponto neutro (.49).

A nossa hipótese, apresentada em 3.2 - Codificação dos Dados, é que os pesos relativos (probabilidade de uso) teriam valores aproximadamente iguais para as três revistas. A tabela nos mostra que Flash Gordon apresenta uma pequena diferença a maior em seu peso relativo que os pesos obtidos pelas outras duas revistas.

Passemos agora à análise e aos resultados da segunda rodada.

4.2 SEGUNDA RODADA – Bvar2

Fazem parte dessa rodada os grupos: 1 (presença/ausência do pronome-sujeito, variável dependente), 2 (pessoa do discurso), 3 (recuperação do referente), 6 (décadas da publicação das revistas) e 7 (revista/personagem), selecionadas nessa ordem de relevância pelo VARBRUL. Foram excluídos dessa rodada os grupos 4 (tempo/forma verbal) e 5 (lôcus de ocorrência/tipo de oração).

Analisemos a primeira tabela dessa rodada:

TABELA 07 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação as pessoas do discurso – Bvar 2

Pessoa do discurso	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo Bvar2	Peso relativo Bvar1
Ele/ ela	2.201/ 4.188	53	.94	.81
Você	1.130/ 2.503	45	.91	.76
Eles/ elas	193/ 856	23	.85	.52
Vocês	95/ 246	39	.80	.70
O senhor/ a senhora	163/ 477	34	.80	.67
Os senhores/ as senhoras	21/ 83	25	.53	.57
Eu	2.064/ 15.627	13	.23	.36
Nós	62/ 708	9	.16	.26
Total	5.929/ 24.688	24		

Ao incluirmos a variável recuperação do referente nessa rodada, constatamos alterações nos pesos relativos em todas as pessoas do discurso, se os compararmos com a Tabela 4 da primeira rodada. A 3.^a pessoa do singular continua com o peso relativo mais alto, acrescido agora de (.13) em relação à primeira rodada e a 3.^a pessoa do plural, a maior alteração verificada, passou de um peso relativo próximo ao ponto neutro (.52 na primeira rodada) para um peso altamente favorecedor para a presença do pronome-sujeito: (.85). Também houve acréscimo da probabilidade de preenchimento do pronome-sujeito para você, o senhor/a senhora e vocês.

Excetuando-se os senhores/as senhoras, próximo ao ponto neutro, a 1.^a pessoa do singular (.23) e a 1.^a pessoa do plural (.16), todas as outras pessoas do discurso apresentam altíssimos pesos relativos. Ainda com relação à 1.^a pessoa no singular, há um preenchimento do pronome-sujeito em torno de uma vez e meia do

que ocorre para a 1.^a pessoa do plural. Os pronomes-sujeito no singular apresentam maior probabilidade de preenchimento que os seus plurais.

Gostaríamos de lembrar que a recuperação do referente com o pronome-sujeito explícito ocorre em situações especiais (o posicionamento por nós adotado está explicado e exemplificado nos Procedimentos Metodológicos). A justificativa que temos para a elevação, de forma tão intensa, da maioria dos pesos relativos após a inclusão da variável recuperação do referente é que a imagem (que essa variável procura esclarecer melhor, “retomar”) é primordial para a linguagem das HQ, que é a falta da imagem (total ou parcial) no quadrinho que aumenta a probabilidade de preenchimento do sujeito pronominal.

Passemos agora à análise do grupo 3 (recuperação do referente) nessa rodada.

TABELA 08 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação à recuperação do referente – Bvar 2

Recuperação do referente	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo Bvar2
Em oração(ções) posterior(es) no mesmo período, no mesmo quadrinho	32/ 97	33	.98
Apresentação do quadrinho (presença do narrador)	9/ 45	20	.89
No(s) quadrinho(s) posterior(es) – até dois quadrinhos	13/ 99	13	.78
Em oração(ções) posterior(es) em outro período, no mesmo quadrinho	20/ 198	10	.71
Em oração(ções) anterior(es) no mesmo período, no mesmo quadrinho	43/ 607	7	.59
Em oração(ções) anterior(es) em outro período, no mesmo quadrinho	63/ 843	7	.57
Através do desenho	67/ 1.807	4	.41
No(s) quadrinho(s) anterior(es) – até dois quadrinhos	46/ 1.232	4	.38
Total	293/ 4.928	6	

Com relação à recuperação do referente, as situações que favorecem a presença do pronome-sujeito são aquelas nos quais o referente está definido posteriormente.

Os únicos contextos que não favorecem a presença do pronome-sujeito são aquelas nas quais a recuperação do referente se faz no(s) quadrinho(s) anterior(es) - até dois quadrinhos (.38) e quando a recuperação do referente é feita através do desenho (.41). Consideramos este último peso relativo expressivo, pois, mesmo

situando-se abaixo do ponto neutro, o preenchimento do pronome-sujeito está acontecendo em uma situação em que o desenho, situado em um momento imediatamente anterior, supre a informação em relação ao sujeito. Os desenhos não são suficientes nesse sentido e há a necessidade da presença pronominal?

Vejamos a situação através de um exemplo:

(44) No balão está a narração:

Ela vai aonde?

No quadrinho anterior: Homem-Aranha, escondido, olhando para Betty, sua namorada. (Homem-Aranha nº 11, 1980)

A nossa hipótese (vide 3.2 - Codificação dos Dados) é que quanto mais distante a menção prévia, mais favorecida é a presença do pronome-sujeito. Porém, a localização (anterior/posterior) da menção prévia tem maior importância, em nosso corpus, que a proximidade. Se tomarmos como exemplo duas situações: “nos quadrinhos posteriores - até dois quadrinhos” com (.78) e “nos quadrinhos anteriores - até dois quadrinhos” com (.38), veremos que a distância do referente é a mesma, mas o que faz a diferença nos pesos relativos é a localização - o referente posterior aumenta a probabilidade de uso do pronome-sujeito.

Vamos analisar as décadas de publicações das revistas.

TABELA 09 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação à década de publicação das revistas – Bvar 2

Década de publicação	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo Bvar 2	Peso relativo Bvar 1
50	839/ 3.683	23	.46	.47
60	1.338/ 5.720	23	.50	.50
70	1.486/ 6.290	24	.50	.50
80	1.678/ 6.236	27	.57	.54
90	588/ 2.759	21	.40	.45
Total	5.929/ 24.688	24		

A inclusão do grupo 3 (recuperação do referente) nessa rodada não produziu grandes alterações na probabilidade de uso do pronome-sujeito, se compararmos os resultados com os da primeira rodada: os pesos relativos referentes às décadas de 60 e 70 estão mantidos, o peso relativo está no ponto neutro. A década de 50 ficou com (.01) a menos e a década de 90 com (.05) a menos, entretanto, a década de 80 ficou com o peso relativo acrescido de (.03).

Podemos considerar que os pesos relativos nas duas rodadas são praticamente os mesmos e ficam no ou próximos ao ponto neutro, portanto, há a mesma probabilidade para o preenchimento e para o não preenchimento nas HQ consultadas, se considerarmos as décadas de publicação. Salientamos, novamente, que houve um acréscimo da década de 50 para a década de 80 de (.11).

Ao olharmos a tabela 10, a seguir, verificamos que o peso relativo de Flash Gordon aumenta (.02) e os pesos relativos do Homem-Aranha e do Tarzan diminuem (.01), após a inclusão da variável recuperação do referente. A queda do peso relativo na década de 90 ocorre devido a não existência de dados da personagem Flash Gordon para essa época, pois é ele que detém a maior probabilidade de uso do pronome-sujeito.

TABELA 10 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/ personagem – Bvar 2

Revista/ personagem	Preenchimento do pronome- sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo Bvar2	Peso relativo Bvar 1
Flash Gordon	2.299/ 9.217	25	.54	.52
Homem-Aranha	2.026/ 8.729	23	.48	.49
Tarzan	1.604/ 6.742	24	.48	.49
Total	5.929/ 24.688	24		

Embora os pesos relativos sejam muito próximos daqueles verificados na rodada anterior, a presença da recuperação do referente causa uma leve interferência nos resultados. O Homem-Aranha e Tarzan apresentam um leve desfavorecimento para o preenchimento da casa do pronome-sujeito (.48) e Flash

Gordon apresenta um leve favorecimento para o preenchimento (.54). Praticamente se mantém a mesma situação para a variável revista/personagem nas duas rodadas.

Como não foram obtidos os pesos relativos para a terceira e quarta rodadas, passaremos aos comentários da quinta rodada.

4.3 QUINTA RODADA – Bvar5

Essa rodada é composta pelos grupos: 1 (presença/ausência do pronome-sujeito), 2 (pessoa do discurso), 4 (tempo/forma verbal), 5 (lôcus de ocorrência/tipo de oração) e 7 (revista/personagem), selecionados nessa ordem de importância estatística pelo VARBRUL. Os grupos 4 e 5 ainda não haviam sido analisados nas rodadas anteriores e agora poderemos verificar as influências que os tempos verbais e os tipos de orações exercem, nesse cópua, para o preenchimento da casa do sujeito. Foram excluídos dessa rodada os grupos 3 (recuperação do referente) e 6 (décadas da publicação das revistas).

TABELA 11 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso – Bvar 5

Pessoa do discurso	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo Bvar5	Peso relativo Bvar1	Peso relativo Bvar 2
Ele/ ela	2.201/ 4.188	53	.81	.81	.94
Você	1.130/ 2.503	45	.76	.76	.91
Vocês	95/ 246	39	.74	.70	.80
O senhor/ a senhora	163/ 477	34	.67	.67	.80
Os senhores/ as senhoras	21/ 83	25	.55	.57	.53
Eles/ elas	193/ 856	23	.50	.52	.85
Eu	2.064/ 15.627	13	.36	.36	.23
Nós	62/ 708	9	.25	.26	.16
Total	5.929/ 24.688	24			

Se comprarmos essa rodada (Bvar 5) com a primeira, temos a inclusão de dois grupos: o 4 (tempo/forma verbal) e o 5 (lôcus de ocorrência/tipo de oração) e a exclusão do grupo 6 (décadas da publicação das revistas). Nessa rodada (Bvar5) permanecem inalterados os pesos relativos de: ele/ela, você, o senhor/a senhora, todos acima do ponto neutro e de eu, abaixo do ponto neutro. Vocês tem seu peso relativo acrescido de (.04) e as outras pessoas do discurso sofrem pequenos decréscimos. Podemos, então, afirmar que as mudanças (inclusões/ exclusões) dos grupos, efetuadas na quinta rodada, praticamente não interferem nos pesos relativos, se os compararmos com a primeira rodada.

Se compararmos essa rodada (Bvar5) com a segunda, temos a inclusão dos grupos 4 (tempo/forma verbal) e o 5 (lôcus de ocorrência/tipo de oração) e a exclusão dos grupos 3 (recuperação do referente) e 6 (décadas da publicação das revistas). Nessa rodada (Bvar5), houve acréscimos na probabilidade do uso do

pronome-sujeito para os senhores/as senhoras, um pouco acima do ponto neutro e para eu (acréscimo de .13) e nós (acréscimo de .09), ambos abaixo do ponto neutro. Acontecem decréscimos nos pesos relativos de todas as outras pessoas, a maior perda é para eles/elas que de (.85) na segunda rodada passa para (.50) na quinta rodada. Podemos concluir que as mudanças (inclusões/exclusões) dos grupos, efetuadas na quinta rodada, interferem nos pesos relativos, se os compararmos com a segunda rodada, principalmente na 3.^a pessoa (singular e plural).

Analisemos a próxima tabela:

TABELA 12 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação aos tempos/ formas verbais – Bvar 5

Tempo/ forma verbal	Preenchimento do pronome- sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo
Futuro do subjuntivo	178/ 373	48	.79
Pretérito imperfeito do subjuntivo	342/ 637	54	.78
Pretérito imperfeito do indicativo	395/ 952	41	.74
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	17/ 48	35	.72
Presente do subjuntivo	460/ 1.000	46	.69
Futuro do pretérito do indicativo	203/651	31	.67
Infinitivo	400/ 1.168	34	.64
Pretérito perfeito do indicativo	835/ 3.671	23	.49
Futuro do presente do indicativo	438/2.687	16	.45
Presente do indicativo	2.661/ 13.501	20	.43
Total	5.929/ 24.688	24	

O tempo verbal que mais favorece o preenchimento do pronome-sujeito é o Futuro do subjuntivo (.79), seguido de perto pelo Pretérito imperfeito do subjuntivo (.78) e pelo Pretérito imperfeito do indicativo (.74). Nesses três tempos verbais, a 1.^a e a 3.^a pessoas do singular podem ser confundidas, pois as terminações verbais são iguais, o que, de certa forma indica a necessidade de explicitação do sujeito (alto peso relativo).

Com exceção do Pretérito perfeito do indicativo (.49), os tempos passados favorecem a presença do pronome-sujeito. O Futuro do subjuntivo é o tempo verbal que mais favorece a presença do pronome-sujeito (.79), enquanto o Futuro do presente do indicativo é o que mais favorece a ausência do pronome-sujeito (.45).

Os tempos verbais que favorecem a presença do sujeito pronominal são os que possuem o maior número de pessoas do discurso que utilizam a mesma forma

verbal (se eu amasse, se você amasse, se ele amasse, se ela amasse, se a gente amasse), se considerarmos os pronomes em uso no PB. Em nosso corpus, todos os tempos verbais favorecedores da presença do pronome-sujeito têm a 1.^a pessoa do singular (eu) com a mesma flexão verbal que a 2.^a do singular (você) e a 3.^a pessoa do singular (ele/ela). Portanto, a redução nos paradigmas flexionais verbais em uso no PB, conforme Duarte (1993) está favorecendo o preenchimento da casa do sujeito.

O Presente do indicativo, cujo resultado está próximo do ponto neutro (.49) e o Futuro do presente do indicativo, que tem seu peso relativo um pouco abaixo do ponto neutro, têm a 1.^a e a 3.^a pessoas do singular marcadas por desinências verbais próprias, o que ocasiona menor probabilidade de preenchimento da casa do sujeito.

Em nosso corpus, não fizemos um levantamento diferenciado para os tempos sintéticos e as locuções verbais por acreditarmos que o fato do verbo ser simples ou estar em locução verbal não muda a questão do preenchimento do pronome-sujeito. Botassini (1996) fez uma pesquisa a esse respeito, fazendo um levantamento diferenciado para as locuções verbais e as formas verbais sintéticas, a fim de estudar o seu comportamento em relação ao preenchimento do pronome-sujeito. Segundo a autora, o preenchimento da casa do pronome-sujeito é o mesmo para as duas diferentes formas verbais.

Em nosso corpus, o maior número de dados concentra-se no Presente do indicativo, seguido pelo Pretérito perfeito do indicativo. O menor número de dados está com o Pretérito mais-que-perfeito (sintético).

O pequeno número de dados encontrados no Pretérito-mais-que-perfeito do indicativo nos dá a indicação que esse tempo, na forma sintética, está praticamente em desuso no PB, tanto na língua falada, quanto na escrita, ficando seu uso restrito para frases do tipo: Tomara que .../Quem me dera ... (conforme Cunha e Cintra, 1985, p.446). Normalmente, o Pretérito mais-que-perfeito é substituído por uma locução de particípio com o verbo auxiliar ter no pretérito imperfeito – tinha cantado em vez de cantara (conforme Câmara Júnior, 1995, p.100).

De nosso corpus, citamos como exemplo:



(45) Naquela época, a nave chocara-se com um corpo celeste imenso.

(Flash Gordon nº 02, 1970)

O número reduzido de ocorrências no Futuro do presente do indicativo vem confirmar o que Silva (2005) já havia verificado em sua pesquisa: na língua escrita está acontecendo o mesmo processo que na língua falada - o futuro do presente está sendo representado, em grande parte, por perífrases verbais. Botassini (1998), ao trabalhar com corpus de língua falada, encontrou somente duas ocorrências em um total de 24.181 dados do VARSUL.

Com relação aos tipos de orações, podemos ver que a Tabela 13 nos fornece algumas indicações.

TABELA 13 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação ao lócus de ocorrência/ tipo de oração – Bvar 5

Lócus de ocorrência/ tipo de oração	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso Relativo Bvar5
Oração subordinada adjetiva/ relativa	121/ 425	28	.62
Oração subordinada substantiva	902/ 2.586	35	.59
Segunda coordenada ou mais	269/ 1.132	24	.54
Oração absoluta/ período simples	2.590/ 10.100	26	.54
Oração subordinada adverbial	925/ 2.524	37	.54
Primeira coordenada	331/ 1.646	20	.49
Oração principal	791/ 6.275	13	.38
Total	5.929/ 24.688	24	

O maior número de dados neste corpus é de orações absolutas/períodos simples. Acreditamos que a presença de desenhos junto aos balões favoreça esse tipo de escolha, pois a situação fica facilmente entendida com a ajuda dos desenhos, tornando-se dispensável a inclusão de detalhes, através da escrita. Por isso, consideramos alto o peso relativo (.54) que as orações absolutas apresentam.

As orações subordinadas adjetivas/relativas são as que mais favorecem o aparecimento do pronome-sujeito (.62) em nosso corpus e a nossa hipótese (ver 3.2 - Codificação dos Dados) foi confirmada. Alguns trabalhos apontam para o fato de as orações relativas favorecerem a presença do sujeito pronominal na língua falada, exemplos são os estudos de Lira (1988) e Menon (1996). O peso relativo alcançado nos faz ver que, assim como na língua falada, a linguagem utilizada pelas personagens principais nas HQ pesquisadas, também tem a presença do sujeito pronominal favorecida nas orações adjetivas.

O peso relativo alcançado pelas orações principais (.38), portanto, inibidoras

da presença do pronome-sujeito, é diferente do resultado encontrado por Menon (1996), ao trabalhar com a primeira pessoa em um corpus constituído por 20 entrevistas do Projeto NURC/SP e encontrar (.66) para eu e (.60) para nós.

A 2.^a coordenada ou mais possui peso relativo um pouco acima do ponto neutro (.54). Lira (1988) afirmou que, em seu estudo, esse tipo de oração inibiu a presença do sujeito pronominal.

A 1.^a coordenada em nosso corpus fica próxima ao ponto neutro (.49). Menon (1996), em sua pesquisa com a primeira pessoa, verificou junto a este tipo de oração um alto favorecimento para eu (.77) e um pouco menos para nós (.64).

Com relação à oração subordinada adverbial, que na mesma pesquisa, segundo Menon desfavorecia a aplicação da regra de preenchimento do sujeito, em nosso corpus aparece com (.54), um pouco acima do ponto neutro.

Passemos agora às informações constantes na Tabela 14.

TABELA 14 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/personagem – Bvar 5

Revista/ personagem	Preenchimento do pronome- sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo Bvar 5	Peso relativo Bvar 1	Peso relativo Bvar 2
Flash Gordon	2.299/9.217	25	.53	.52	.54
Tarzan	1.604/6.742	24	.50	.49	.48
Homem-Aranha	2.026/8.729	23	.47	.49	.48
Total	5.929/24.688	24			

A tabela nos mostra que os resultados obtidos são muito próximos dos já verificados na primeira e segunda rodadas. Flash Gordon continua a ser a personagem que apresenta um leve favorecimento à presença do pronome-sujeito com um peso relativo um pouco acima do ponto neutro (.53). A personagem Tarzan encontra-se no ponto neutro e o Homem-Aranha aparece com um leve desfavorecimento para o preenchimento da casa do pronome-sujeito (.47).

A inclusão do grupo 3 (recuperação do referente) na segunda rodada faz com

que os pesos relativos sejam bem próximos dos pesos relativos obtidos na primeira rodada. A exclusão dos grupos 3 (recuperação do referente) e 6 (décadas da publicação das revistas) e a inclusão dos grupos 4 (tempo/forma verbal) e 5 (lócus de ocorrência/tipo de oração) na quinta rodada também fazem com que os pesos relativos nessa rodada sejam bem próximos daqueles apresentados nas primeiras e segundas rodadas.

Podemos, então, concluir que a inclusão dos grupos 3, 4 e 5 praticamente não interfere (pesos relativos praticamente iguais) no preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/personagem. O mesmo efeito (não interferência nos pesos relativos) podemos verificar se excluirmos o grupo 6.

Como não foi possível rodarmos o Bvar6, passaremos a analisar os dados e resultados constantes do Bvar7.

4.4 SÉTIMA RODADA – Bvar7

Nessa rodada foram usados os fatores 1 (presença/ausência do pronome-sujeito), 2 (pessoa do discurso), 4 (tempo/forma verbal) e 5 (lócus de ocorrência/tipo de oração), selecionados nessa ordem pelo VARBRUL. Ficaram fora dessa rodada os grupos: 3 (recuperação do referente), 6 (décadas da publicação das revistas) e 7 (revista/personagem).

O preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso apresentou pesos relativos idênticos aos constantes da Tabela 11, da quinta rodada/Bvar5. O mesmo aconteceu com o preenchimento do pronome-sujeito em relação ao lócus de ocorrência/tipo de oração, com pesos relativos idênticos aos da Tabela 13, da quinta rodada/Bvar5.

TABELA 15 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação aos tempos/ formas verbais – Bvar 7

Tempo/ forma verbal	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual %	Peso relativo Bvar7	Peso relativo Bvar5
Futuro do subjuntivo	178/ 373	48	.79	.79
Pretérito imperfeito do subjuntivo	342/ 637	54	.78	.78
Pretérito imperfeito do indicativo	395/ 952	41	.73	.74
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	17/ 48	35	.72	.72
Presente do subjuntivo	460/ 1.000	46	.69	.69
Futuro do pretérito do indicativo	203/ 651	31	.67	.67
Infinitivo	400/ 1.168	34	.64	.64
Pretérito perfeito do indicativo	835/ 3.671	23	.49	.49
Futuro do presente do indicativo	438/ 2.687	16	.45	.45
Presente do indicativo	2.661/ 13.501	20	.44	.43
Total	5.929/ 24.688	24		

Os pesos relativos que os tempos verbais apresentaram foram os mesmos dos já analisados e discutidos na Tabela 12, da quinta rodada/Bvar5, as exceções ficam com o Presente do indicativo com (.44) - (na Tabela 12, o peso é .43) e o Pretérito imperfeito do indicativo com (.73) - (na Tabela 12 é .74)

A nossa hipótese: tempos verbais que possuem a mesma flexão verbal para mais de uma pessoa do discurso são favorecedores à presença do sujeito pronominal, foi confirmada. Os tempos verbais que favorecem a presença do pronome-sujeito em nosso corpus têm a mesma flexão verbal na 1.^a PS, na 2.^a PS e

na 3.^a PS.

A exclusão do grupo 7 (revista/personagem) na Bvar7 faz com que os pesos relativos obtidos nessa rodada sejam idênticos (pessoas do discurso e lócus de ocorrência/tipo de oração) ou praticamente idênticos (tempos/formas verbais); portanto, a exclusão do grupo 7 não interferiu nos pesos relativos da Bvar7, ao compararmos os resultados nela apresentados com os resultados da Bvar5.

Após essas rodadas e revendo as Tabelas 05 e 09 (décadas de publicação das revistas), verificamos que o peso relativo, que vinha sofrendo acréscimos do pronome-sujeito da década de 50 para a de 80, apresentava um decréscimo na década de 90. Como Flash Gordon é a personagem que nos fornece o maior peso relativo no preenchimento do sujeito pronominal (conforme Tabelas 6, 10 e 14) e como não foi possível encontrarmos exemplares das revistas Flash Gordon e Tarzan publicadas na década de 90 e Homem-Aranha na década de 50 (sua criação ocorreu em 1952), fizemos, então, rodadas retirando essas décadas; primeiro retiramos a de 50, depois a de 90 e, após, as duas décadas juntas, com a finalidade de verificarmos se a ausência de dados do Flash Gordon na década de 90 estaria “pesando” nos resultados obtidos (pesos relativos). Os resultados obtidos foram comparados à primeira rodada, pois os grupos usados para essas três rodadas são os mesmos da Bvar1.

Vamos verificar, dessa forma, a oitava rodada.

4.5 OITAVA RODADA - Bvar8

Para essa rodada foram usados os grupos: 1 (presença/ausência do pronome-sujeito, variável dependente) e as variáveis independentes: 2 (pessoa do discurso), 6 (década da publicação das revistas) e 7 (revista/personagem). Foram retirados dessa rodada os dados da década de 50. Foram selecionados pelo VARBRUL, pela ordem de importância, os grupos 2, 6 e 7. Não fizeram parte dessa rodada os grupos 3(recuperação do referente), 4 (tempo/forma verbal) e 5 (lócus de ocorrências/tipo de oração).

Vejamos a primeira tabela dessa rodada.

TABELA 16 - Preenchimento do pronome - sujeito em relação às pessoas do discurso - Bvar8

Pessoa do discurso	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual Bvar8 (%)	Peso relativo Bvar8	Percentual Bvar1 (%)	Peso relativo Bvar 2
Ele/ ela	1.891/3.583	53	.81	53	.81
Você	963/2.117	45	.76	45	.76
Vocês	81/207	39	.71	39	.70
O senhor/ a senhora	140/404	35	.67	34	.67
Os senhores/ as senhoras	19/71	27	.59	25	.57
Eles/ elas	171/736	23	.53	23	.52
Eu	1.765/13.308	13	.36	13	.36
Nós	60/579	10	.30	9	.26
Total	5.090/21.005	24		24	

Se compararmos com a Tabela 04 da 1.^a rodada (Bvar1), que possui os mesmos grupos e também os dados da década de 50, veremos que mudaram um pouco os percentuais relativos a nós (era 9%, agora é 10%), o senhor/a senhora (era 34%, agora é 45%) e os senhores/as senhoras (era 25%, agora é 27%). Tiveram seus pesos relativos alterados para maior: vocês, eles/elas, os senhores/as senhoras e nós, este último passou de (.26) para (.30), o que consideramos um aumento relevante, embora ainda abaixo do ponto neutro.

A retirada dos dados da década de 50 fez com que a probabilidade do uso do pronome-sujeito em relação às pessoas sofresse um acréscimo; todas as mudanças (embora pequenas) nos pesos relativos são acréscimos. O acréscimo que o pronome nós teve foi considerável.

Passemos à próxima tabela.

TABELA 17 - Preenchimento do pronome - sujeito em relação à década de publicação das revistas - Bvar8

Década da publicação	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual Bvar8 (%)	Peso relativo Bvar8	Percentual Bvar1 (%)	Peso relativo Bvar1
60	1.338/5.720	23	.49	23	.50
70	1.486/6.290	24	.49	24	.50
80	1.678/6.236	27	.54	27	.54
90	588/2.759	21	.45	21	.45
Total	5.080/21.005	24			

Os percentuais (índice de uso) permanecem os mesmos da 1.^a rodada, mas houve leves decréscimos dos pesos relativos (probabilidade de uso) para as décadas de 60 e de 70 (de .50 para .49); as décadas de 80 e 90 mantiveram o mesmo peso relativo da rodada inicial.

Vejamos o que nos informa a tabela seguinte.

TABELA 18 – Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/personagem – Bvar8

Revista/personagem	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual Bvar8 (%)	Peso relativo Bvar8	Percentual Bvar1 (%)	Peso relativo Bvar1
Flash Gordon	1.778/6.871	26	.56	25	.52
Homem-Aranha	2.026/8.729	23	.49	23	.49
Tarzan	1.286/5.405	24	.48	24	.49
Total	5.080/21.005	24		24	

Flash Gordon aumentou o índice de uso do pronome-sujeito (de 25 para 26%) em relação à rodada inicial. O peso relativo da personagem Flash Gordon teve um acréscimo de (.04); ele é a personagem que possui os maiores índices de uso e as maiores probabilidades de preenchimento do pronome-sujeito.

A retirada dos dados da década de 50 dos dados totais do corpus provocou algumas pequenas interferências nos pesos relativos verificados nessa rodada. Dois acréscimos merecem destaque: (.04) para o pronome nós e (.04) para a personagem Flash Gordon.

Da próxima rodada, a seguir, são excluídos os dados da última década.

4.6 - NONA RODADA - Bvar 9

Usamos para essa rodada os grupos 1 (presença/ausência do pronome-sujeito - variável dependente) e as variáveis independentes: 2 (pessoa do discurso), 6 (década da publicação das revistas) e 7 (revista/personagens). Foram retiradas dessa rodada os dados da década de 90. Os grupos foram selecionados conforme apresentados acima e também não fizeram parte dessa rodada os grupos: 3 (recuperação do referente), 4 (tempo/forma verbal) e 5 (lôcus de ocorrência/tipo de oração).

Vejamos a primeira tabela da Bvar9.

TABELA 19 - Preenchimento do pronome - sujeito em relação às pessoas do discurso – Bvar9

Pessoa do discurso	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual Bvar9 (%)	Peso relativo Bvar9	Percentual Bvar1 (%)	Peso relativo Bvar1
Ele/ ela	1.957/3.670	53	.81	53	.81
Você	1.023/2.217	46	.76	45	.76
Vocês	85/215	40	.71	39	.70
O senhor/ a senhora	148/412	36	.68	34	.67
Os senhores/ as senhoras	19/66	29	.60	25	.57
Eles/ elas	175/740	24	.53	23	.52
Eu	1.873/13.953	13	.36	13	.36
Nós	61/656	9	.27	9	.26
Total	5.341/21.929	24		24	

Em relação aos percentuais apresentadas na Tabela 04 (Bvar1), houve aumento nos percentuais de: você (era 45%), vocês (era 39%), eles/elas (23%), o senhor/a senhora (34%) e os senhores/as senhoras (25%).

Os pesos relativos de o senhor/a senhora, nós, vocês, eles/elas e os senhores/as senhoras também apresentam valores maiores que em Bvar1. A última pessoa do discurso citada (os senhores/as senhoras) passou de (.57) para (.60).

Em relação à Bvar8 (rodada que não possui os dados da década de 50) houve acréscimo de (.01) para o senhor/a senhora e os senhores/as senhoras e decréscimo de (.01) para nós; as outras pessoas do discurso possuem os mesmos pesos relativos.

A próxima tabela diz respeito às décadas de publicação das revistas analisadas nessa rodada.

TABELA 20 - Preenchimento do pronome - sujeito em relação à década de publicação das revistas - Bvar9

Década de publicação	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual Bvar9 (%)	Peso relativo Bvar9	Percentual Bvar1 (%)	Peso relativo Bvar 1
50	839/3.683	23	.47	23	.47
60	1.338/5.720	23	.49	23	.50
70	1.486/6.290	24	.49	24	.50
80	1.678/6.236	27	.53	27	.54
Total	5.341/21.929	24			

O peso relativo da década de 50 mantém-se igual (.47) e os pesos relativos das décadas de 60, 70 e 80 perdem (.01). Os percentuais de todas as décadas mantêm-se iguais.

Em relação à Bvar8 (rodada que não possui os dados da década de 50) houve decréscimo de (.01) para a década de 80, permanecem estáveis os pesos relativos para as décadas de 60 e 70.

Vejamos as informações constantes da próxima tabela.

TABELA 21 - Preenchimento do pronome - sujeito em relação à revista/ personagem - Bvar 9

Revista/Personagem	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual Bvar9 (%)	Peso relativo Bvar9	Percentual Bvar1 (%)	Peso relativo Bvar 1
Flash Gordon	2.298/9.216	25	.52	25	.52
Homem-Aranha	1.440/5.972	24	.49	23	.49
Tarzan	1.603/6.741	24	.49	24	.49
Total	5.341/21.929	24		24	

Os pesos relativos apresentados são exatamente iguais aos da rodada inicial. Há acréscimo de 1 % no valor apresentado pela personagem Homem-Aranha.

Em relação à Bvar8, Flash Gordon sofreu decréscimo de (.04), o Homem-Aranha permaneceu estável e Tarzan teve um acréscimo de (.01).

A retirada dos dados da década de 90 do total de dados do córpus provocou também, a exemplo do que aconteceu com a retirada dos dados da primeira década analisada, pequenas interferências nos pesos relativos verificados nessa rodada. A pessoa do discurso os senhores/as senhoras sofreu o maior acréscimo (.03).

Na próxima rodada, excluimos os dados da primeira e da última décadas por nós pesquisadas.

4.7 DÉCIMA RODADA - Bvar 10

Os grupos pertencentes a essa rodada são: 1 (presença/ausência do pronome-sujeito variável dependente) e as variáveis independentes: 2 (pessoa do discurso), 6 (década da publicação da revista) e 7 (revista/personagem). Não fazem parte dessa rodada os dados das décadas de 50 e de 90. Os grupos foram selecionados pelo VARBRUL, na seguinte sequência: 2, 6 e 7. Nessa rodada foram excluídos também os grupos: 3 (recuperação do referente), 4 (tempo/forma verbal) e 5 (lôcus de ocorrência/tipo de oração), a exemplo do que fizemos nas rodadas Bvar8

e Bvar9.

Vejamos a primeira tabela.

TABELA 22 - Preenchimento do pronome-sujeito em relação às pessoas do discurso Bvar10

Pessoa do discurso	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual Bvar10 (%)	Peso relativo Bvar10	Percentual Bvar1 (%)	Peso relativo Bvar 1
Ele/ ela	1.647/3.065	54	.81	53	.81
Você	856/1.831	47	.76	45	.76
Vocês	71/176	40	.71	39	.70
O senhor/ a senhora	125/339	37	.68	34	.67
Os senhores/ as senhoras	17/54	31	.60	25	.57
Eles/ elas	153/620	25	.54	23	.52
Eu	1.574/11.634	14	.36	13	.36
Nós	59/527	11	.31	9	.26
Total	4.502/18.246	25		24	

Houve acréscimos percentuais (índices de uso) em todas as pessoas do discurso e alguns acréscimos foram bastante significativos: os senhores/as senhoras passou de 25% (em Bvar1) para 31 %.

Os pesos relativos das pessoas do discurso: o senhor/a senhora, vocês, eles/elas, os senhores/as senhoras tiveram acréscimos em relação à rodada inicial. É relevante o acréscimo verificado em nós que passou de (.26), na primeira rodada para (.31) na décima rodada.

Excetuando-se a 1.^a PS e a 1.^a PP, todas as outras pessoas do discurso encontram-se acima do ponto neutro. Ele/ela, você, vocês, possuem alta probabilidade de uso do sujeito pronominal, a exemplo do que aconteceu na primeira

rodada, com a totalidade dos dados do corpus.

Passemos agora às informações constantes da segunda tabela.

TABELA 23 - Preenchimento do pronome-sujeito em relação à década de publicação das revistas - Bvar 10

Década da publicação	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual Bvar10 (%)	Peso relativo Bvar10	Percentual Bvar1 (%)	Peso relativo Bvar 1
60	1.338/5.720	23	.48	23	.50
70	1.486/6.290	24	.49	24	.50
80	1.678/6.236	27	.53	27	.54
Total	4.502/18.246	25			

Os pesos relativos diminuíram um pouco em relação à rodada inicial (Bvar1). Os percentuais permaneceram os mesmos.

E, na terceira tabela dessa rodada, podemos visualizar:

TABELA 24 - Preenchimento do pronome-sujeito em relação à revista/ personagem - Bvar 10

Revista/Personagem	Preenchimento do pronome-sujeito Aplicação/ total	Percentual Bvar10 (%)	Peso relativo Bvar10	Percentual Bvar1 (%)	Peso relativo Bvar 1
Flash Gordon	1.777/6.870	26	.52	25	.52
Homem-Aranha	1.440/5.972	24	.49	23	.49
Tarzan	1.285/5.404	24	.48	24	.49
Total	4.502/18.246	25		24	

O peso relativo da personagem Tarzan sofreu uma pequena queda (de .49 para .48) em relação à 1ª rodada; os outros pesos relativos permaneceram os mesmos e próximos ao ponto neutro. Flash Gordon continua com o maior peso relativo. Os percentuais das personagens Homem-Aranha e Flash Gordon tiveram um acréscimo de 1%; a personagem Tarzan tem o mesmo percentual apresentado em Bvar1.

A retirada concomitante dos dados das décadas de 50 e 90 do total de dados do corpus não provocou grandes alterações nos pesos relativos verificados na primeira rodada (com todos os dados), à exceção do pronome nós, que sofreu um acréscimo de (.05).

Após procedermos as rodadas com os 24.688 dados das décadas de 50, 60, 70, 80 e 90 (Bvar1), com os 21.005 dados das décadas de 60, 70, 80 e 90 (Bvar8), com os 21.929 dados das décadas de 50, 60, 70 e 80 (Bvar9) e com os 18.246 dados das décadas de 60, 70 e 80 (Bvar10), utilizando os grupos 1 (presença/ausência do pronome-sujeito) e as variáveis independentes: 2 (pessoa do discurso), 6 (década da publicação das revistas) e 7 (revistas/personagem), fizemos algumas tabelas comparativas usando os pesos relativos obtidos, para uma melhor visualização.

Lembramos que as comparações das tabelas 16, 17 e 18 da Bvar8, oitava rodada, sem os dados da década de 50 com as tabelas 19, 20 e 21 da Bvar9, nona rodada, sem os dados da década de 90, foram feitas após as três últimas tabelas (19, 20 e 21), com a finalidade de apontarmos as alterações nos pesos relativos, provocadas pela retirada, inicialmente, da primeira década e, em seguida, da última década analisadas.

Apresentamos, a seguir, as tabelas comparativas com os pesos relativos da primeira, oitava, nona e décima rodadas. Inicialmente, a tabela para as pessoas do discurso.

TABELA 25 - Pesos relativos/ Pessoa do discurso

Pessoa do discurso	Bvar1 (tabela 04)	Bvar8 (tabela 16)	Bvar9 (tabela 19)	Bvar10 (tabela 22)
Ele/ ela	.81	.81	.81	.81
Você	.76	.76	.76	.76
Vocês	.70	.71	.71	.71
O senhor/ a senhora	.67	.67	.68	.68
Os senhores/ as senhoras	.57	.59	.60	.60
Eles/ elas	.52	.53	.53	.54
Eu	.36	.36	.36	.36
Nós	.26	.30	.27	.31

Excetuando-se a pessoa do discurso nós, notamos que, os pesos relativos mantêm-se estáveis ou praticamente estáveis nas quatro rodadas. São altíssimas as probabilidades de uso dos pronomes-sujeito ele/ela, você e vocês; são altos os pesos relativos para o senhor/a senhora e para esses pronomes-sujeito no plural. Eles/elas também obtém alto peso relativo para uma língua que prescinde de pronome-sujeito (segundo a GT). Abaixo do ponto neutro encontram-se somente eu e nós; a 1.^a pessoa do singular mantém o peso relativo nas quatro rodadas mas, no plural, sofre acréscimos quando são retirados os dados da década de 50 (.04) e quando são retirados os dados das décadas de 50 e 90 (.05).

Na tabela das décadas de publicação das revistas podemos ver:

TABELA 26 – Pesos relativos/Década de publicação das revistas

Década	Bvar1 (tabela 05)	Bvar8 (tabela 17)	Bvar9 (tabela 20)	Bvar 10 (tabela 23)
50	.47	-	.47	-
60	.50	.49	.49	.48
70	.50	.49	.49	.49
80	.54	.54	.53	.53
90	.45	.45	-	-

Os pesos relativos mantêm-se praticamente os mesmos nas quatro rodadas para as décadas de 60, 70 e 80. Nas duas rodadas nas quais consta a década de 50 (Bvar1 e Bvar9) o peso relativo é o mesmo. O mesmo fato repete-se para as duas rodadas nas quais consta a década de 90 (Bvar1 e Bvar8) - o peso relativo é (.45).

Com relação às revistas/personagens, na tabela a seguir, podemos visualizar:

TABELA 27 - Pesos relativos/ Revista - personagem

Personagem	Bvar1 (tabela 06)	Bvar8 (tabela 18)	Bvar9 (tabela 21)	Bvar 10 (tabela 24)
Flash Gordon	.52	.53	.52	.52
Homem-Aranha	.49	.49	.49	.49
Tarzan	.49	.48	.49	.48

Flash Gordon apresenta um peso relativo um pouco acima do ponto neutro, enquanto Homem-Aranha e Tarzan um pouco abaixo. A linguagem utilizada pela personagem Flash Gordon é a que apresenta a maior probabilidade de preenchimento do pronome-sujeito.

Como podemos ver pelas três tabelas comparativas, os pesos relativos mantêm certa estabilidade nas quatro rodadas, nos grupos utilizados. A pessoa do discurso nós foge a essa estabilidade.

Para uma melhor verificação do índice de uso do pronome-sujeito no corpus pesquisado, fizemos três cruzamentos de dados (“crosstabs”): entre pessoa do

discurso e década de publicação das revistas (tabela 28), entre pessoa do discurso e revista/personagem (tabela 29) e entre revista/personagem e década de publicação da revista (tabela 30). Para os cruzamentos usamos os dados das décadas de 60, 70 e 80 tendo em vista que não possuímos dados do Homem-Aranha para a década de 50 e dados do Flash Gordon e de Tarzan para a década de 90.

Iniciamos com uma tabela do primeiro cruzamento efetuado.

TABELA 28 – Cruzamento entre pessoa do discurso e década de publicação das revistas – preenchimento do pronome-sujeito

Pessoa do discurso	Década de 60		Década de 70		Década de 80	
	Aplicação/ total	Percentual (%)	Aplicação/ total	Percentual (%)	Aplicação/ total	Percentual (%)
Ele/ ela	477/901	53	559/1.057	53	611/1.107	55
Você	254/563	45	278/620	45	324/648	50
Vocês	24/70	34	22/48	46	25/58	43
O senhor/ a senhora	46/123	37	33/108	31	46/108	43
Os senhores/ as senhoras	7/28	25	4/12	33	6/14	43
Eles/ elas	46/208	22	40/203	20	67/209	32
Eu	461/3.604	13	536/4.090	13	577/3.940	15
Nós	23/223	10	14/152	9	22/152	14
Total	1.338/5.720	23	1.486/6.290	24	1.678/6.236	27

Ao cruzarmos os dados entre pessoa do discurso e década de publicação das revistas, verificamos que, para todas as pessoas do discurso, há um acréscimo no percentual de preenchimento do pronome-sujeito da década de 60 para a década de

80; algumas pessoas do discurso tiveram o acréscimo de 18% (os senhores/as senhoras).

Da década de 60 para a de 70 há percentuais que se mantiveram, é o caso de eu, você e ele/ela. Alguns poucos percentuais diminuíram: eles/elas, nós e o senhor/a senhora; no entanto, aumentaram consideravelmente os de vocês e os senhores/as senhoras. Da década de 70 para a década de 80 todas as pessoas do discurso sofreram acréscimos, à exceção de vocês.

Houve, certamente, um aumento do índice de uso do pronome-sujeito nos dados da década de 60 (23%) para a década de 70 (24%) e desta para a de 80 (27%).

O segundo cruzamento forneceu-nos a tabela a seguir.

TABELA 29 - Cruzamento entre pessoa do discurso e revista/ personagem - preenchimento do pronome-sujeito

Pessoa do discurso	Flash Gordon		Homem - Aranha		Tarzan	
	Aplicação/ total	Percentual (%)	Aplicação/ total	Percentual (%)	Aplicação/ total	Percentual (%)
Ele/ ela	610/1.103	55	542/1.030	53	495/932	53
Você	337/700	48	274/598	46	245/533	46
O senhor/ a senhora	40/112	36	46/127	36	39/100	39
Vocês	31/65	48	22/59	37	18/52	35
Os senhores/ as senhoras	5/20	25	9/25	36	3/9	33
Eles/ elas	64/227	28	50/209	24	39/184	21
Eu	664/4.381	15	476/3.769	13	434/3.484	12
Nós	26/262	10	21/155	14	12/110	11
Total	1.777/6.870	26	1.440/5.972	24	1.285/5.404	24

O cruzamento dos dados entre pessoa do discurso e revista/personagem nos mostra que os mais altos percentuais estão na linguagem da personagem Flash Gordon, com exceção de nós, o senhor/a senhora e os senhores/as senhoras. A personagem Homem-Aranha possui percentuais iguais ou mais altos que os obtidos por Tarzan, exceto para o senhor/a senhora.

Flash Gordon é a personagem/revista na qual o índice de uso do pronome-sujeito é maior (26%). Homem-Aranha e Tarzan possuem o mesmo índice de uso do sujeito pronominal (24%).

Para o terceiro cruzamento de dados temos a tabela abaixo.

TABELA 30 - Cruzamento entre revista/ personagem e a década de publicação das revistas preenchimento do pronome sujeito

Revista/ Perso- nagem	Década de 60		Década de 70		Década de 80		Total	
	Aplicação total	Percen- tual (%)	Aplicação total	Percen- tual (%)	Aplicação total	Percen- tual (%)		
Flash Gordon	546/2.316	24	576/2.261	25	655/2.293	29	1777/6870	26
Homem- Aranha	429/1.881	23	486/2.170	22	525/1.921	27	1440/5972	24
Tarzan	363/1.523	24	424/1.859	23	498/2.022	25	1285/5404	24
Total	1.338/5.720	23	1.486/6.290	24	1.678/6.236	27	4.502/18.246	25

Ao cruzarmos os dados da revista/personagem com a década de publicação das revistas podemos visualizar que Flash Gordon possui os maiores percentuais de preenchimento de pronome-sujeito e, embora haja uma leve perda de percentual da década de 60 para a década de 70 (de 23% para 22%) nas revistas do Homem-

Aranha, há um considerável aumento do preenchimento da casa do sujeito na linguagem utilizada por todos os protagonistas/personagens das revistas em quadrinhos analisadas (Flash Gordon, Homem Aranha e Tarzan).

O índice de uso do pronome-sujeito nas revistas de Flash Gordon é crescente de década para década. As revistas do Homem-Aranha e do Tarzan têm uma pequena diminuição (1%) no índice de uso do sujeito pronominal da década de 60 para a de 70. Da década de 70 para a de 80, o índice de uso do pronome-sujeito nas revistas do Homem-Aranha (27%) é maior que o de Tarzan (25%).



HOMEM ARANHA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CUIDADO!
O ABUTRE ATACA!



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou verificar se, em uma análise em tempo real de curta duração, houve um maior preenchimento do pronome-sujeito em um corpus constituído pela linguagem usada pelas personagens das revistas em quadrinhos das décadas de 50, 60, 70, 80 e 90, das personagens: Flash Gordon, herói intergalático; Tarzan, herói da selva e Homem-Aranha, herói urbano.

Para o corpus foram levantados e codificados 25.243 dados, obtidos a partir de 288 revistas de HQ. Os resultados, 24% de preenchimento do pronome sujeito e 76% de não preenchimento, ficam próximos aos de Lira (1988) que obteve 22% de pronomes explícitos e concluiu que a língua escrita não favorece a presença do pronome-sujeito e aos de Silva (2005) que fez uso de um corpus a partir de HQ do Pato Donald e obteve 30% de preenchimento de sujeito pronominal.

Como esta pesquisa propunha-se a verificar se, em uma análise em tempo real de curta duração, houve um maior preenchimento dos pronomes-sujeito na linguagem utilizada por determinadas personagens (Flash Gordon, Homem-Aranha e Tarzan) das histórias em quadrinhos, concluímos que, para este corpus e neste tipo de linguagem (HQ), a presença do pronome-sujeito é menor que a ausência, mas que se faz notar um acréscimo da presença do sujeito pronominal entre as décadas de 50 a 80.

Ao olharmos para as variáveis independentes por nós selecionadas com a finalidade de constatar se são favorecedoras ou não favorecedoras ao preenchimento da casa do sujeito, podemos afirmar que, com relação à variável pessoa do discurso, as que se mostram mais favorecedoras ao preenchimento do pronome-sujeito, neste corpus, são pela ordem decrescente: ele/ela, você, vocês, o senhor/a senhora e os senhores/as senhoras. Eles/elas está próxima ao ponto neutro. Podemos caracterizar como variantes não favorecedoras ao sujeito pleno as pessoas do discurso: eu e nós. Confirmamos, através da análise de nosso corpus, o que outros trabalhos variacionistas, a exemplo de Paredes da Silva (1991), que encontrou 23% de preenchimento da casa do sujeito para as primeiras pessoas canônicas, e Duarte (1993) verificaram em relação às primeiras pessoas – elas tendem a omitir o sujeito pronominal.

A nossa hipótese: as pessoas do discurso eu, você, o senhor/a senhora, ele/ela, vocês, os senhores/as senhoras que, nas orações, se fazem acompanhar de

verbos cujas flexões são idênticas para mais de uma pessoa gramatical, em alguns tempos verbais, são favorecedoras ao preenchimento do pronome-sujeito a fim de não gerar dúvidas, confirma-se para ele/ela, você, vocês, o senhor/a senhora e os senhores/as senhoras e não se confirma para eu e eles/elas.

Para a variável recuperação do referente, mostra-se altamente favorecedora ao preenchimento do pronome-sujeito a recuperação quando é feita em orações posteriores, no mesmo período, no mesmo quadrinho. É seguida de perto (altamente favorecedora) quando a recuperação faz-se através da apresentação do quadrinho (há a presença do narrador).

São também favorecedoras à presença do sujeito pronominal as recuperações feitas nos quadrinhos posteriores – até dois quadrinhos; em orações posteriores, em outro período, mesmo quadrinho; em orações anteriores, em outro período, no mesmo quadrinho.

Mostram-se não favorecedoras à presença do pronome-sujeito as recuperações feitas através do desenho e realizadas em orações anteriores, em outro período, no mesmo quadrinho.

A nossa hipótese foi formulada levando-se em consideração a distância do referente – quanto mais distante o referente, mais favorecida a presença do sujeito pronominal, entretanto, em nosso corpus, a localização (anterior/posterior) do referente faz-se mais importante – os referentes posteriores mostram-se mais produtivos para a presença do pronome-sujeito.

Com relação à variável tempo/formas verbais, notamos que os tempos verbais, de forma geral, mostram-se favorecedores à aplicação da regra de preenchimento do pronome-sujeito. Os tempos que podem ser caracterizados como maiores favorecedores são pela ordem decrescente: futuro do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo, presente do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo e infinitivo.

Fica muito próximo do ponto neutro o pretérito perfeito do indicativo. O futuro do presente do indicativo e o presente do indicativo mostram-se como leves desfavorecedores à presença do pronome-sujeito.

Os tempos verbais que favorecem a presença do sujeito pronominal neste estudo são aqueles que possuem a mesma forma verbal para a 1ª, 2ª. e 3ª. pessoas do singular. Conforme Duarte (1993), a redução nos paradigmas flexionais verbais está favorecendo o preenchimento da casa do sujeito.

A nossa hipótese: são favorecedores ao sujeito pronominal os tempos verbais que têm a mesma flexão verbal para mais de uma pessoa do discurso é confirmada.

A variável *lôcus de ocorrência/tipo de oração* nos mostra que as orações que mais favorecem o preenchimento do pronome-sujeito são as orações subordinadas adjetivas/relativas e as orações subordinadas substantivas. Mostram-se próximas ao ponto neutro as primeiras coordenadas. A segunda coordenada ou mais, as orações absolutas/período simples e as orações subordinadas adverbiais apresentam um leve favorecimento. As únicas orações que se mostram não favorecedoras ao preenchimento da casa do sujeito são as orações principais.

Alguns trabalhos apontam para o fato de as orações relativas favorecerem a presença do sujeito pronominal na língua falada, tais como os estudos de Lira (1988) e Menon (1996). Pudemos verificar em nosso *cópus* escrito que esse fato também acontece.

A nossa hipótese: orações subordinadas adjetivas (relativas) são as que mais favorecem a presença do pronome-sujeito é confirmada.

Ao analisarmos os resultados pertinentes à variável *década da publicação da revista*, notamos que os dados (analisados) da década de 50 mostram-se levemente desfavorecedores à presença do sujeito pronominal; os dados da década de 60 e os dados da década de 70 encontram-se no ponto neutro; os dados da década de 80 mostram-se levemente favorecedores à presença do pronome-sujeito e os dados da década de 90 são levemente desfavorecedores ao preenchimento da casa do sujeito pronominal. A nossa “justificativa” para a ocorrência deste fato (menor peso relativo para os dados da década de 90) baseia-se na não existência de dados para as personagens Tarzan e Flash Gordon. Flash Gordon é a personagem que favorece a presença do pronome-sujeito.

A nossa hipótese: que há um acréscimo no preenchimento da casa do sujeito pronominal, década a década, confirma-se para os dados das décadas de 50 a 80.

Com relação à variável *revista/personagem*, podemos afirmar que a linguagem usada para a personagem Flash Gordon mostra-se levemente favorecedora à presença do sujeito pronominal e a linguagem usada para as personagens Tarzan e Homem-Aranha ficam próximas à neutralidade.

A nossa hipótese: a presença do pronome-sujeito aconteceria de forma mais ou menos igual (pesos relativos próximos) nas três revistas/personagens confirma-se, com a ressalva que a personagem Flash Gordon apresenta peso relativo um

pouco acima do ponto neutro enquanto as personagens Tarzan e Homem-Aranha apresentam pesos relativos um pouco abaixo do ponto neutro.

Por tudo que pudemos verificar neste *cópus*, concluímos que na linguagem utilizada para as revistas (analisadas) em quadrinhos das personagens Flash Gordon, Homem-Aranha e Tarzan, publicadas nas décadas de 50, 60, 70, 80 e 90, os resultados ficam muito próximos aos de Lira (1988) e aos de Paredes da Silva (1991) e apontam para o fato de que em *cópus* constituído por língua escrita a explicitação do pronome-sujeito é menor que em *cópus* de língua falada, devido ao maior conservadorismo que o texto escrito possui.

A personagem Flash Gordon mostra-se levemente favorecedora à presença do sujeito pronominal e Tarzan e Homem-Aranha possuem resultados próximos à neutralidade. Sem dúvida, esses resultados são considerados expressivos para uma língua (que está deixando de ser!) de sujeito nulo.

A linguagem utilizada nas HQ pesquisadas nos fornece a indicação que, mesmo possuindo a imagem, diferencial importante para a compreensão desse tipo de texto, os resultados obtidos comprometem o posicionamento da GT sobre a elipse pronominal e apontam para uma mudança em curso com relação ao preenchimento da casa do sujeito, passando da situação de não preenchimento para a de preenchimento.

GENIE
COMICS

FLASH GORDON

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Flash finds a grim surprise lurking in
THE DEATH TRAP OF MONGOI

REFERÊNCIAS

ALBÁN, Maria del Rosário e FREITAS, Judith. **Nós ou a gente? Estudos lingüísticos e literários**, Salvador, n. 11, 1991, p.75-89.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**, 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANSELMO, Zilda Augusta. **Histórias em Quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é e como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BARROS, João de. **Gramática da língua portuguesa**. 1540. Organizada por MACHADO, José Pedro. 3. ed. Lisboa: s/editora.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 29. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. Tradução de NOVAK, Maria da Glória e NERI, Maria Luisa. Campinas: Pontes Editores, 1995.

BOTASSINI, Jaqueline Ortelan Maia. **A elipse do sujeito pronominal da linguagem falada do Paraná**. Comunicação apresentada no I Encontro de Variações lingüísticas do Cone Sul. UFRGS, Porto Alegre, 02 a 04 de setembro de 1996.

_____. **A elipse do sujeito pronominal da linguagem falada do Paraná: uma análise variacionista**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Língua e ideologia. In: BAGNO, Marcos (org.). **Lingüística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 135-154.

CAMACHO, Roberto G. A variação lingüística. In: **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa curricular de língua Portuguesa para 1º e 2º graus**. Coletânea de Textos – Volume I. São Paulo: Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógica do Estado de São Paulo, 1988, p. 29-61.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**.

2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 23. ed. Petrópolis: Ática, 1995.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Nacional, 1994.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary A. (orgs.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 107-128.

_____. **Aspectos do sistema pronominal do português falado nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste**. Comunicação apresentada no GT Sociolinguística da ANPOLL. João Pessoa, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. **O tratamento você em português: uma abordagem histórica**. Revista Fragmenta n. 13. Curitiba: Editora da UFPR, 1996, p.51-82.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M.S.V. e NEVES, M.F. (orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LEMLE, Miriam. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa – Linguística e ensino do vernáculo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

LIRA, Solange Azambuja. **O sujeito pronominal no português falado e escrito**. Ilha do Desterro, Florianópolis: UFSC n. 20, 1988, p. 31-43.

LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e Oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (organizadora). **Investigando a Relação Oral/ Escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras Edição e Livraria Ltda., 2001, p. 23-50.

MARQUES, Regiane Gaertner e RYBA, Bernardete. **Presença/ Ausência do pronome – sujeito em Caio Fernando Abreu**. Monografia de Especialização. CEFET-PR, Curitiba, 2000. Comunicação apresentada no 5º Encontro do CELSUL. Curitiba, 2002.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino de português**. Bahia: Contexto, 1997.

MENON, Odete Pereira da Silva. **Português: língua de sujeito nulo?** Comunicação apresentada no I Congresso Internacional da ABRALIN. Salvador, 1994.

_____. **O sistema pronominal do Brasil**. Revista Letras n. 44, Curitiba: Editora da UFPR, 1995, p. 91-106.

_____. **Uso dos pronomes sujeito de 1.ª pessoa: uma análise sociolingüística**. Tese apresentada ao Concurso para Professor Titular de Lingüística. Curitiba, 1996.
MENON, Odete Pereira da Silva e LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (organizador). **Variação e mudança no português falado da Região Sul**. Pelotas/EDUCAT: Editora da Universidade Católica de Pelotas: 2002, p. 147-188.

MENON, Odete Pereira da Silva; LAMBACH, Jane Bernadete e LANDARIN, Noely R. X. Nazareno. Alternância nós/a gente nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, Cláudia e ABRAÇADO, Jussara (organizadoras). **Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: FAPERJ, Viveiros de Castro Editora Ltda. Revista 7 Letras (7) 2003, p. 96-105.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal**. Boletim da ABRALIN, n. 11, 1991, p. 83-96.

_____. **Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Revista de Estudos da Linguagem v. 7, p. 121-138, julho/1998.

_____. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Claudia e ABRAÇADO, Jussara (organizadoras). **Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro/ FAPERJ: Viveiros de Castro Editora

Ltda. Revista 7 Letras (7), 2003, p.160-169.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática Expositiva – Curso Superior**. 69. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

ROBERTS, Ian. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary A. (orgs.) **Português brasileiro – uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p.409-425.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Letramento Escolar, Oralidade e Escrita em sala de aula: Diferentes modalidades ou gêneros de Discursos. In: SIGNORINI, Inês (organizadora). **Investigando a Relação Oral / Escrito e as Teorias do Letramento**. Campinas: Mercado de Letras Edições e Livrarias Ltda, 2001, p. 51-74.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática: teoria e prática**. 8. ed. São Paulo: Atual, 1986.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

_____. **Gramática secundária da língua portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores**. Universidade do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Lingüística e Filologia, Programa de Estudos sobre o uso da Língua (PEUL), 1992 - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculas, 1993.

SILVA, Diamantino da. **Quadrinhos**. Rio Grande do Sul: Editora Bels, 1976.

SILVA, Myrian Barbosa da. A escola, a gramática e a norma. In: BAGNO, Marcos. **Lingüística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p.253-265.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. **Sujeito pronomial nos quadrinhos: uma análise em tempo real de curta duração**. Dissertação de Mestrado, UFPR, 2005.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro:

mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary A. (orgs.) **Português brasileiro – uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p.35-68.

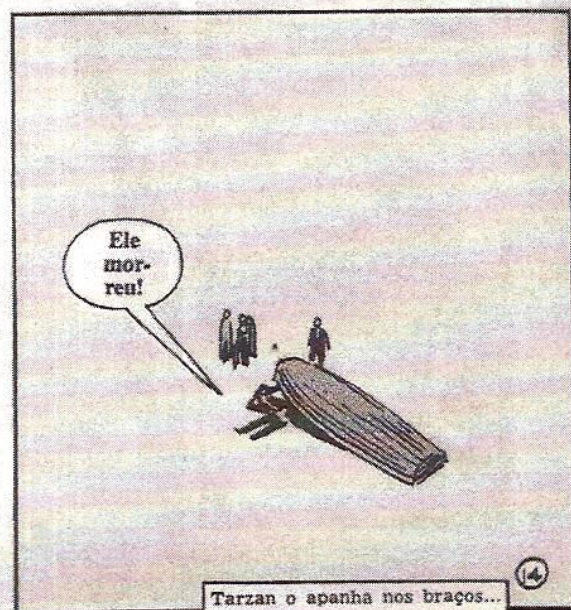
_____. **A pesquisa sociolingüística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P. e MALKIEL, Y. (editors). **Directions for historical linguistics**. Austin, University of Texas Press, 1968, p. 95-195.

ANEXOS

Anexo 1 - Tarzan





Anexo 2 – Flash Gordan



...COMO COM MINHA BRINCADEIRA COM O MONSTRO DE GELO?



MAS POR QUE ESTAVA LÁ? FIANÇO 1950 A MIM? NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO!



TRV 4-9



SUA HESITAÇÃO NÃO É LISONJEIRA! MAS NÃO IMPORTA! SE PRECISA DE UM ESTÍMULO MAIOR...



E É UMA OFERTA TENTADORA, MAS COMO CHEGARÃO LÁ? É UM LONGO CAMINHO ATRAVÉS DO ESPAÇO!



UM FOGUETE!

TRV 4-10



...E DAÍ REINARÁ EM SEGURANÇA PARA A TERRA!



E É CLARO! VOU CONCEDER-LHE ISSO! AFINAL, VOCÊ NÃO TEM MUITA ESCOLHA...



TRV 4-11



E COMO EU SEI DISSO!



QUÊ? ESSA BRUXA DE GELO NÃO PEIXAREI QUE SE CASE COM ELA PARA ME SALVAR!

CALMA, QUERIDA! NÃO PRETENDO VER O RESTO DE MINHA VIDA NESTE ICEBERG DO ESPAÇO!

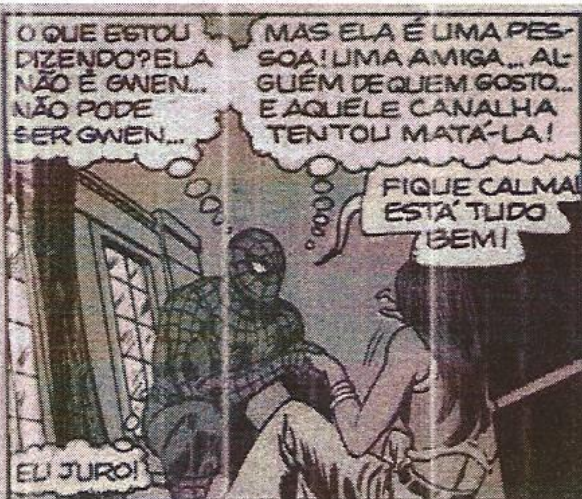


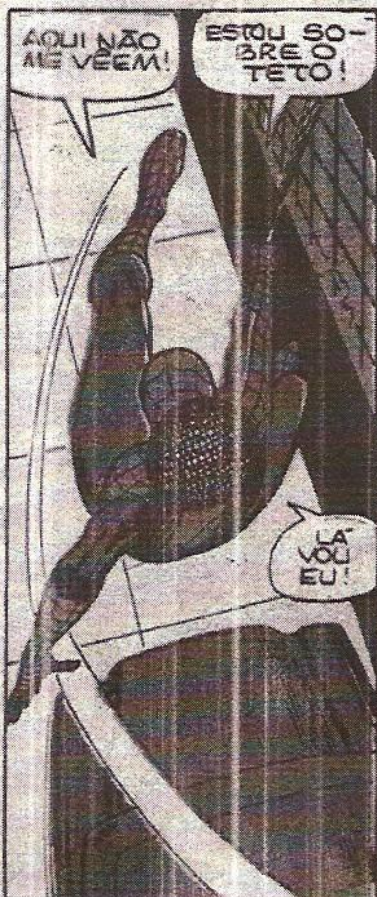
...ENTÃO PODEMOS ESCAPAR PARA O FOGUETE DE PAZ!! OH, CARA!

TRV 4-12



Anexo 3 – Homem-Aranha





Anexo 4 – Codificação de variáveis

Codificação de Variáveis

Variáveis

1 - variável dependente:

presença/ausência do pronome sujeito:

1 = presença

0 = ausência

/ = não se aplica

Não se aplica foi usado para orações constituídas de verbos extremamente próximos, a partir da 2.^a oração, como em: (0) Fui, (/) vi e (/) comprei, por entendermos que neste tipo de construção, na linguagem falada e muito mais na escrita, dificilmente preencheríamos todas as casas do sujeito.

2 - variáveis independentes:

a) pessoa do discurso:

u = eu - 1.^a pessoa do singular

n = nós - 1.^a pessoa do plural

g = a gente - 1.^a pessoa do plural

t = tu - 2.^a pessoa do singular

v = você - 2.^a pessoa do singular

V = vocês - 2.^a pessoa do plural

s = o senhor, a senhora - 3.^a pessoa do singular

S = os senhores, as senhoras - 3.^a pessoa do plural

e = ele/ela - 3.^a pessoa do singular

E = eles/elas - 3.^a pessoa do plural

b) Recuperação do referente:

/ = não se aplica (há a presença do pronome-sujeito ou a recuperação do pronome-sujeito pode ser feita através da terminação verbal)

2 = em oração(ções) anterior(es) no mesmo período, no mesmo quadrinho

3 = em oração(ções) anterior(es) em outro período, no mesmo quadrinho

4 = no(s) quadrinho(s) anterior(es) - até dois quadrinhos

5 = em oração(ções) posterior(es) no mesmo período, mesmo quadrinho

6 = em oração(ções) posterior(es) em outro período, mesmo quadrinho

7 = no(s) quadrinho(s) posterior(es) - até dois quadrinhos.

8 = através do desenho

9 = apresentação do quadrinho (presença do narrador)

c) Tempo/forma verbal:

o = presente do indicativo

p = pretérito perfeito do indicativo

i = pretérito imperfeito do indicativo

m = pretérito mais-que-perfeito do indicativo

f = futuro do presente do indicativo

C = futuro do pretérito do indicativo

e = presente do subjuntivo

s = pretérito imperfeito do subjuntivo

q = futuro do presente do subjuntivo

l = infinitivo

d) Lócus de ocorrência/tipo de oração:

b = oração absoluta/período simples

& = primeira coordenada

= segunda coordenada ou mais

* = oração principal

t = oração subordinada substantiva

j = oração subordinada adjetiva (relativa)

w = oração subordinada adverbial

e) Décadas da publicação das revistas:

5 = (1949) 1950 (1951)

6 = (1959) 1960 (1961)

7 = (1969) 1970 (1971)

8 = (1979) 1980 (1981)

9 = (1989) 1990 (1991) f) Revista/personagem:

A = Homem-Aranha

F = Flash Gordon

T = Tarzan.

